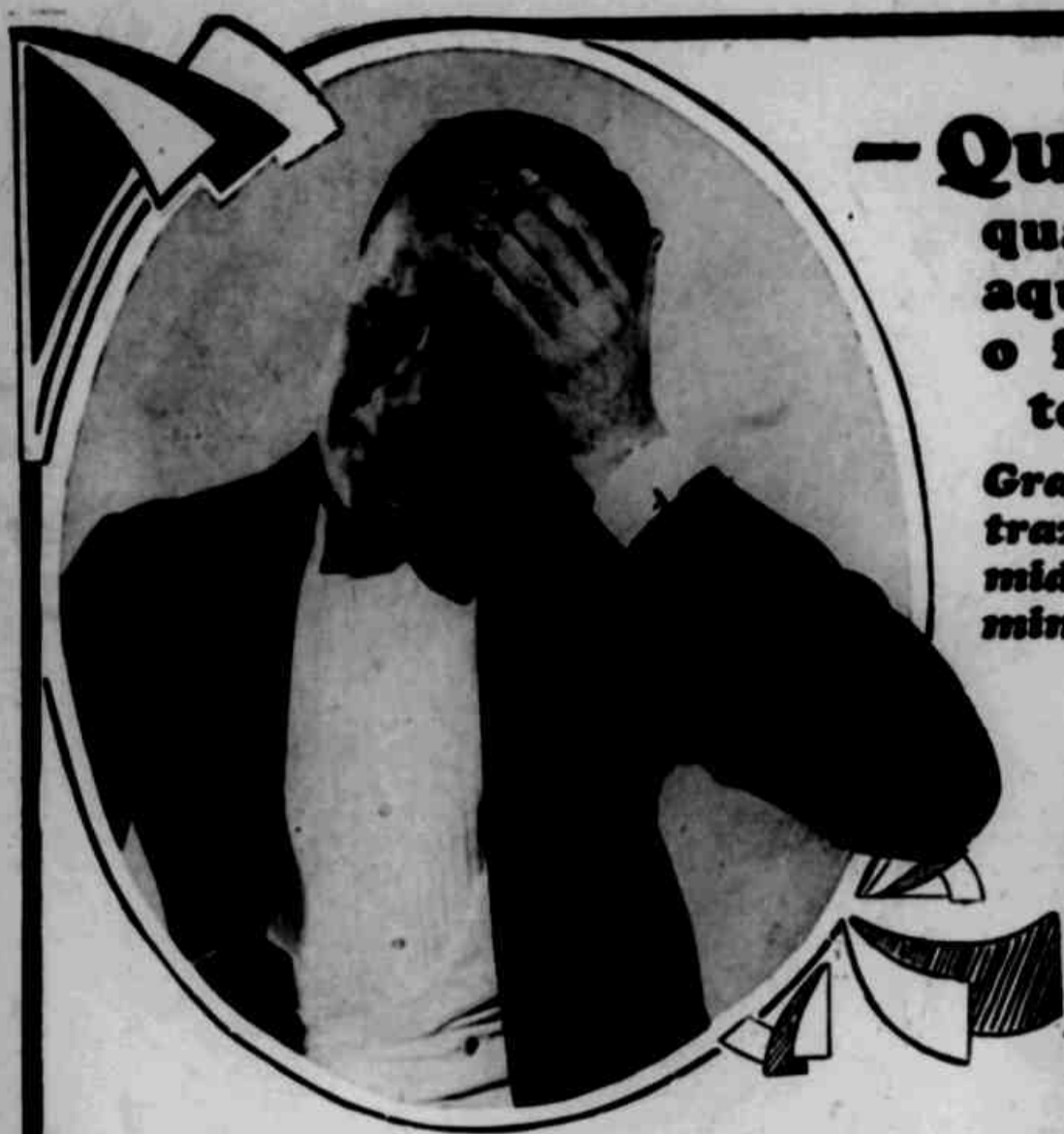
PARA TODOS...
ANNO XI - NUM. 536
23 MARÇO
1929
PREÇO: 1$

Para se ter dentes bonitos, basta usar liquido "Odol" com "Odol" pasta.

O *liquido Odol* penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e deste modo combate a causa da carie. A *pasta "Odol"* torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

"Alguem"

O instante era terrivel. Que fazer em semelhante situação?

O seu cerebro ia escurecendo pouco a pouco, aguilhoado pela duvida horrorosa, e dentro delle parecia agitar-se, inquieta, a lava de um vulcão.

Sentia-se febril, e ao mesmo tempo um frio intenso enregelava-lhe os membros.

Cahido sobre o velho divan, immovel como um boneco desarticulado, permaneceu assim muito tempo. Uma hora ou um seculo ? Quem sabe ? Na sua inconsciencia, perdera a noção do tempo. Quando se soffre, os dias parecem annos, quando se goza, entretanto, os annos parecem dias.

Já era noite, e, por entre as negras sombras do aposento, e no seu espirito continuava a voejar a suspeita, como um morcego repugnante.

A situação o aterrava e, covardemente, não se atrevia a rompel-a.

Amava-a ainda, apezar de tudo, adorava freneticamente aquella mulher que, candida e cheia de illusão, acolhera um dia o seu amor.

Aquelles tres annos em que vivera feliz, enfeitiçado pelos seus beijos, tinham sido o melhor periodo da sua existencia !

Comprehendia-o agora. Fugir della, brigar, abandonal-a, era desembaraçar-se para sempre da apertada corôa dos seus braços, era não tornar mais a gozar a caricia dos seus olhos, dos seus bellos "olhinhos de gata", como elle dizia sempre; desprender-se dos seus braços era deixar que, uma vez livres, cingissem a formidavel sombra que já via desenhada, ironicamente, no seu espirito. Então, o que fazer ? Continuar a seu lado ? Fingir ignorancia ? Não; impossivel.

Cahida no chão, amarrotada pelo arrebatamento do primeiro instante, a carta parecia fital-o. Chegára-lhe ás mãos, nessa tarde. Cautelosamente, e encontrando-o desprevenido como sempre nos surprehende, a traição, chegára á sua vida. O ultimo correio foi o seu portador. Tantas cartas que se perdem ! — pensou, num instante de fraqueza, ao mesmo tempo que, envergonhado de tal idéa, rectificava em voz alta para se convencer: Não; é preferivel que tenha vindo...

Inclinou-se, afim de apanhar a carta. Metteu-a no bolso e continuou divagando:

— Se fosse verdade ! Ah ! E se fosse mentira ? Como se verificar a verdade ? Como se comprovar a mentira ?

Conforme costumava fazer todas as noites, Santiago Beltran veiu nessa noite á pensão, visitar o seu amigo. Ao entrar, a criada informou:

— O senhor Henrique deve estar doente. Não jantou, e disse que não quer ver ninguem...

Santiago não fez caso, e continuou corredor afóra. Ora ! Seriam cousas, tolices de Henrique, uma futilidade qualquer.

Ao accender a luz do quarto do amigo, ficou surprehendido ao vel-o ali, em meio á escuridão e ao silencio. Henrique Galván estava sentado e a cabeça reclinada nas mãos. Vendo-o assim, bem estranho, por certo, Santiago exclamou:

— Mas o que é isso, rapaz ? O que tens ?

Henrique levantou o rosto, mostrando os olhos innundados de lagrimas.

— Choras !

— Choro, sim... Por que ? Acaso os homens não sabem chorar ?

— Não, Henrique; não é que não saibam, é que não devem... Isso é bom para as mulheres.

— Tu te enganas, ante a dor, todos somos iguaes. Nunca choraste por nada ?

— Ora essa ! Sim, mas nunca por uma tolice, como o fazes tu agora. Por que? vamos a ver: o que ha ? Que drama terrivel é esse que tanto te emociona ? Explica-te. Morreu, por acaso ?

— Morreu, sim ! E' isso.

— Tua noiva ?

— Não; minha noiva, não. Uma noiva morta é chorada até a substituirmos. Mas uma illusão ! Não se substitue nunca !

— Vamos ! — disse Santiago, já tranquillo. — Temos conflicto sentimental...

Sem responder, Henrique tirou do bolso a carta anonyma, e mostrou-lh'a:

— Lê !

— Ora ! O que eu disse. Incidentes epistolares com a noiva. Não ?

— Que obstinação em adivinhar ! Lê de uma vez !

Santiago leu em voz alta:

"Amigo Henrique: Consuelo não é a mulher que suppõe. E' uma "cousa" desprezivel e indigna de ir ao seu lado. Abra os olhos ! — **Alguem**".

..Ao terminar estas linhas, começou a rir estrondosamente.

— **Tem graça — articulou. — E é isso que tanto te preoccupa ? Meu amigo ! E's um idiota ! Um anonymo !**

— Um anonymo ? E's muito esperto ! — replicou Henrique amargamente.

— Quero dizer que nunca se deve fazer caso de um anonymo. Sempre são escriptos com má intenção.

— Sim; é possivel.

— Mas, dize-me. Duvidas de Consuelo ?

— Mas... Não... Talvez... Não sei ! Até hoje nunca me preoccuparam essas cousas.

— Ouve: sabes o que te digo ? Acho que fazes bem. A mulher costuma ser uma creatura embusteira e hypocrita. Lembra-te daquellas tuas amiguinhas Susanna e Juanita. Ellas te amavam, não ? Hein ?

— Mas, homem ! Consuelo é uma mulher honrada.

— Estás enganado. O espirito de todas é identico, como identico é o procedimento. As mulheres honradas, quando chega a occasião, mentem com tanto maior desembaraço, quanto maior é a sua honestidade.

— E's cruel; com as tuas palavras, em vez de me confortares, tornas maior a minha duvida.

— Digo-te a verdade. Para que te enganar ? Questão de mulheres, já sabes... Nunca se desconfiará bastante... E, eu te aconselharia...

— O que ? — perguntou Henrique, avidamente.

Santiago Beltrán demorou alguns minutos a responder.

— Isto: eu lhe faria a côrte !

— Não, não. Seria indigno.

— Sim, homem. Far-lhe-ei a côrte ! Deste modo, se ella te quizer verdadeiramente ha de me repellir. Que te parece ?

Henrique, deixando-se suggestionar, cedeu á lembrança feliz ou desgraçada do amigo.

— Faze o que quizeres ! — disse, tornando a se deitar no divan, com gesto desesperado.

....

Encontramos novamente Henrique Galván. Só no seu quarto, inclinado sobre a mesa, e com um livro aberto na sua frente, parecia entregue ao estudo. Ha tres dias não tinha a menor noticia do seu amigo.

— Sr. Henrique — disse-lhe a criada, batendo á porta.

— Que é ?

— Uma carta que acabam de trazer.

Levantou-se immediatamente Henrique, presentindo já noticias inquietantes. Nervoso, rasgou o enveloppe e febrilmente começou a lêr:

"Soube que o senhor se prestou a uma treta indigna de um homem. Pretendeu pôr o meu amor á prova, submettendo-se e submettendo-me a um jogo perigoso, fazendo-me cortejar por um seu amigo. Deante deste seu procedimento, communico-lhe que as nossas relações terminaram. Digo-lhe mais que tentar desaggravar-me seria impossivel, pois nada póde sanar a offensa inferida, até com o pensamento, á dignidade de uma mulher. — **Consuelo Miraval**".

Com a pallidez impressa no rosto, Henrique deixou-se cahir sobre uma cadeira, desalentado.

Assim o encontrou Santiago Beltrán, que chegava nesse instante.

— Tu ! — exclamou o outro, erguendo-se. — Tu ! Canalha ! Não respondes ? Fala ! O que fizeste, traidor ? O que disseste a Consuelo ?

Santiago parecia idiotisado, e por fim disse:

José S. Jadraque

— Sim, Henrique, perdoa-me. Disse-lhe tudo e ainda lhe disse mais: que a adorava ! Que a amava infinitamente mais do que tu. E isto, infelizmente, era certo.

— Máo amigo ! Hypocrita ! Tu me trahiste !

E na sua furia desesperada, passeiava como um louco pelo quarto.

— Tens razão. Eu te atraiçoei. Mas a ambos tambem nos atraiçoou o amor !

— Mas... e ella ? — perguntou Henrique, arquejante. — Ella te ama ?

— Não. Odeia-me. O seu amor e a sua belleza fizeram-me confessar tudo, num momento de loucura. Suppuz estupidamente que esse rasgo me collocasse em melhor posição deante della, e as unicas cousas que logrei foram o seu desprezo e o seu desdem, como vês...

....

E, quem escreveu o anonymo ? Qualquer um ! Bem o diz a assignatura: "Alguem", o estranho personagem immaterial, que vive e goza eternamente, tramando infamias na sombra, e saboreando a infelicidade das suas victimas.

(Conto hespanhol tr...

Ap. D. N. S. P.
N. 275, de 27-1918

O MARACATU'

Tenho visto muitos maracatús bonitos, em todos os Estados do Brasil, na Capital Federal até já lhe mudaram o nome para "Zepereira".

No meu tempo de rapaz houve no Recife um maracatú interessante; chamava-se Cambesida Velha. E numa época de Carnaval o director desse club pediu emprestado a um pintor, seu visinho, um quadro para enfeitar a sala das dansas. O pintor mostrou-lhe seis e mandou que o director do club escolhesse um.

O preferido foi um retrato a oleo, muito fiel, que tinha moldura dourada. E lá foi o retrato para a parede principal da sala. Puzeram-lhe por baixo um grande jarro com flores e duas lanternas de crystal com velas de espermacete, accesas de noite e de dia...

Muito bem. Tudo em ordem. Viva o club "Camberida Velha" ! Viva o Carnaval !

Mas sabe o leitor de quem era o retrato assim homenageado ?

— Era de um querido amigo do povo, que acabava de ser eleito...
Era o do Prefeito do Municipio !!!

Gil Phanôr.

●

POEMA BRANCO

Manhã branca de nuvens brancas:
Dia de Therezinha de Jesus
Uma capella pintada de branco.
Um Christo de marfim, numa cruz,
rodeado por compridas velas brancas,
em compridos castiçaes de prata,
tem nos olhos um olhar meigo e bondoso.
Moças vestidas de branco,
com véos brancos e grinaldas brancas,
recebem genuflezas, concentradas,
de um sacerdote de cabellos brancos,
hostias brancas e sagradas.

Tenho uma vontade de ser bom.

Dia de Therezinha de Jesus...

Corypheu de Asevêdo Marques.

●

EX-LIBRIS

Acabam de sahir das officinas do "O Malho" o Ex-Libris e a respectiva legenda do Dr. Bianor de Medeiros. O estudo heraldico foi feito pelo Dr. Sebastião Galvão, do Instituto Historico, auxiliado pelo autor.

Figura portanto em nosso archivo, de hoje em diante, um exemplar do Ex-Libris do nosso velho companheiro, ao qual tanto estimamos.

●

NOVO METHODO DE DACTYLOGRAPHIA

A Sra. Josephine Mainer compoz com muita intelligencia um pequeno methodo para escrever á machina que, a julgar pelas suas tres edições, é pratico e de grande utilidade, sem o que não teria tamanha procura. E um livrinho muito recommendavel a todos aquelles que desejam aprender dactylographia e está apresentado pela livraria Teixeira, de S. Paulo.

Graphologia

A V I S O

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

JORDÃO CELIO (Rio) — Não confunda chiromancia e cartomancia com graphologia.

Sua letra inclinada denota sensibilidade, ternura, sentimentalidade, fraqueza, susceptibilidade.

Vê-se ainda indecisão, timidez, medo, receio, hesitação.

No momento de escrever estava sob a acção de um desgosto qualquer ou tinha uma preoccupação que o empolgava inteiramente.

SAUDADE (Santos) — Letra vertical e miuda: reserva, frieza, energia, razão, minucia, mesquinharia, fadiga e talvez myopia. Amor ás viagens, nervosismo impaciencia, pouco amor á verdade, impressionabilidade.

EGO (Recife) — O material enviado não é sufficiente para um estudo completo, nem o espaço de que dispomos comportaria isso.

Vê-se ligeiramente que se trata de uma pessoa de actividade, cultura, ardorosa, cheia de iniciativa. Nota-se mais: clareza, ordem, exactidão, constancia.

JUDARTH (Rio) — Letra calligraphica de quem não é professor de calligraphia é um signal de insignificancia, amor ao convencional, espirito acanhado, mediocridade, pretensão.

A letra, porém, da sua assignatura é muito diversa daquella com que escreveu a carta e da com que graphou o P. S.

Isto vem a ser uma prova de dissimulação, versatilidade, inconstancia.

As linhas inuteis e complicadas com que pretende "enfeitar" sua assignatura são signaes de amor á chicana, ao mysterio, ás situações difficeis.

A letra da pessoa cuja carta juntou á sua, (Ruth) revela bondade, indulgencia, doçura, assim como delicadeza, sensibilidade, fraqueza, alguma mesquinharia, fadiga, myopia.

OSCARFA (Bello Horizonte) — Sensibilidade, emotividade, actualidade, agitação, fantasia exaltada, o que faz faltar, ás vezes, á verdade; inconstancia, volubilidade, pouca cultura intellectual.

ARAMIS (Rio) — Sua letra inclinada para a direita é signal de sensibilidade, sentimentalidade, ternura, fraqueza, susceptibilidade.

Nas ascendencias das linhas se vê enthusiasmo, alegria de viver, ambição, coragem, esperanca. O corte dos tt revela tenacidade, persistencia, teimosia. O traço com que firma sua assignatura é uma affirmação de sua personalidade, assim como os pontinhos que o ladeiam denotam amor ao mysterio, ás complicações...

PAPILON (Porto Alegre) — Letra inclinada para a esquerda: desconfiança, dissimulação, contensão de espirito. Nos movimentos centrifugos (para a direita) vê-se altruismo, benevolencia que se alliam á bondade, á indulgencia, á doçura que se notam no arredondado das letras.

BALATINHA (Rio) — Equilibrio, energia, franqueza, cultura, actividade, enthusiasmo, precipitação. Firmeza de opiniões e de attitudes, lealdade. Amor ao confortavel e ás viagens. Generosidade, prodigalidade, mesmo. Está satisfeita agora. Não recebi a carta anterior a que se refere na que tenho presente.

THAIS — Enthusiasmo, alegria de viver, coragem, ambição, esperança. Espirito critico e satyrico, energia, firmeza, teimosia. Deducção logica, actividade psychica, assimilação, sequencia nas idéas.

GRAPHOLOGO.

Grupo feito na residencia do esculptor Pinto do Couto, por occasião da visita de D. Olivia Guedes Penteado e sua familia ao atelier deste artista.

MARIA VIRGINIA

PENSEI que pudesse dormir e reclinei minha cabeça mansamente no travesseiro.

Enquanto isto, desejei com ternura bem grande ũa mão que fosse a vossa pra afagar meus cabelos, uns dedos que fossem os vossos pra passarem de leve sobre os meus labios.

Ignorei a solidão para esquecer de mim, afundado em distâncias azues e imensas.

Você não sei onde, em que caminhos, mas sempre branca, voejando longe...

Não haverá outra noite, meu Deus, em que eu me lembre tanto de você!...

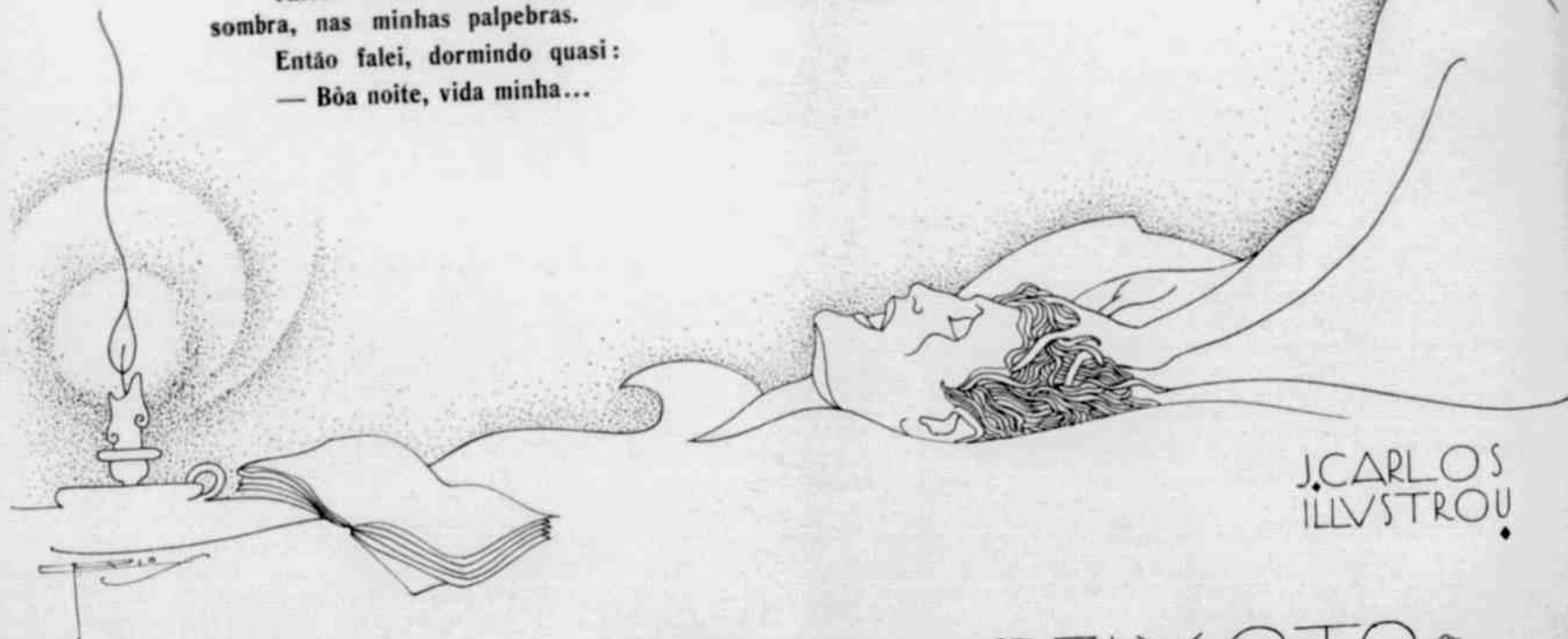
De você sempre branca, mais branca, voejando por sobre caminhos intangiveis...

Assim mesmo, de olhos fechados e apertando como uma criança desamparada as minhas mãos, cheguei a chorar, sentindo a caricia namoradeira do vento a me abanar, esfriando o suor da minha fronte.

Então quis espantar o sono que veiu vindo. Mas, em vez, resolvi...

Talvez fosse você, fossem os vossos labios pousando, como uma sombra, nas minhas palpebras.

Então falei, dormindo quasi:

— Bôa noite, vida minha...

J. CARLOS ILLVSTROU

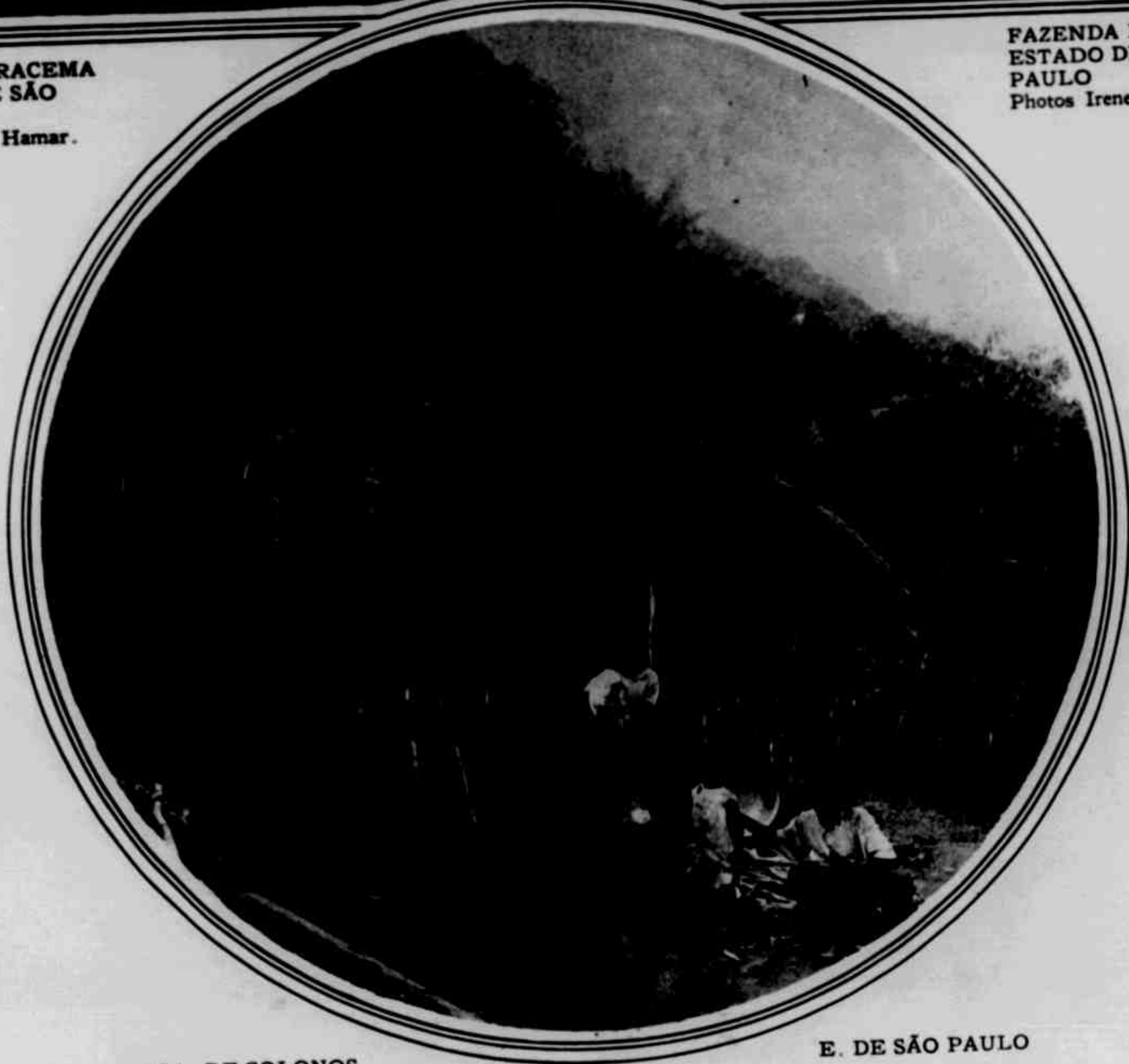
FRANCISCO IGNACIO PEIXOTO

RANCHO DE PESCADORES EM SANTOS
Photos Irene Hamar

COLONOS JAPONEZES TOMANDO CAFÈ

FAZENDA ITAPEMA — S. PAULO

FAZENDA IRACEMA
ESTADO DE SÃO
PAULO
Photos Irene Hamar.

FAZENDA IBICABA
ESTADO DE SÃO
PAULO
Photos Irene Hamar.

CASA DE COLONOS

E. DE SÃO PAULO

GERALD E KIKI
FILHOS
DO
SR. W. E. GOTELLE

CARLOS E VERINHA
FILHO E NETA
DO
SR. CARLOS ALBERTO
DE AMARAL

ELENA
FILHA
DO
DR. DOMINGO TOLEDO
PIZA

VERA
FILHA DO
SENHOR
ELIA ALVES
LIMA

Photos
Rossi & Cerri
S. Paulo

A cidade de todos nós...

DANTE ANGYONE COSTA

E todo aquelle barro vermelho veiu abaixo no meio da tristeza da gente. Era justo.

Mas, cidade é feminina. E' mulher. E por isso, um anno depois, nem se lembrava mais.

Foi então que aconteceu a Exposição.

Puzeram por ali uma porção de palacios, que eram os pavilhões. Pavilhão da Italia, da França (este ainda continúa guardando preciosidades...), do Japão, da Tcheco-Slovaquia, da Argentina, etc., etc.

A cidade encheu tudo aquillo. Viu o canhão monstro da Inglaterra. Filou os "chiclets" de Tio Sam. Bateu palmas e namorou com os cadetes mexicanos.

Tudo muito bonito.

Naquelle tempo ninguem sabia o que era fuzarca. Mas a cidade deixou de lado as boas maneiras e ficou terrivelmente da fuzarca.

Nunca mais endireitou...

Na praia de Copacabana

E o Brasil foi descoberto pela segunda vez. Não era lá tão feio como pintavam. Tinha onças, mas não eram muitas. E tambem uns indiosinhos que jogavam uma pelota de couro com a cabeça, como fazem em Madagascar. "Trés joli".

Vieram alguns annos.

Mas como a vida das cidades se conta de traz para diante, a nossa cidade foi ficando cada vez mais nova,mais bonita e mais querida.

O senhor Marinetti chegou e foi consagrado á sua moda... Praquê que nós queriamos elle? Se nós já tinhamos o Alvaro, o Mario, o Oswald... Gente nova cá de casa. Gente de coração... Praquê Marinetti?...

O senhor Serrador se engarregou dos arranha-céos.

Os cavallos ficaram prestigiadissimos com o novo Hipodromo (Bate Longchamps longe...).

E assim por diante.

Constróe, destróe, endireita aqui, reforma acolá.

E a cidade veiu marchando com o tempo.

Mais um ou dois annos e chega-nos mister Hoover. Foi o presente de Natal mais bonito que o Brasil já ganhou. "Welcome, Herbert Hoover".

Desde o começo ella já era bonita. Mas ninguem tinha reparado nisto.

Depois veiu um senhor Passos, Pereira Passos, que ainda a fez mais bonita.

Reformou, derrubou, construiu.

A cidade então começou a apparecer. Já ia a uma ou outra festa. Já tinha o nome nos telegrammas: Rio de Janeiro, 9 (U P.)...

E a gente que morava na terra do senhor Anatole já sabia que "là bás" tinha Rio de Janeiro.

Mas faziam disto aqui uma idéa muito vaga. Pão de Assucar. Onças. Guanabara. E diziam até que o nome de Guanabara era uma homenagem á uma artista franceza, irmã de Theda Bara...

E a cidade veiu vindo pro progresso.

Rasgaram uma avenida que os argentinos não perdoam que seja mais bonita que a Avenida de Mayo.

Era triumpho em cima de triumpho...

Mas em mil novecentos e vinte e um, a cidade teve o seu primeiro desgosto. Primeiro e ultimo.

Sim, porque a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro era uma cidade sentimental. A' antiga. Tinha as suas tradições e gostava de guardal-as.

Portanto, quando o senhor prefeito poz o morro do Castello abaixo, a cidade toda chorou. Lá tinham feito a inauguração... Lá que os Barbadinhos puzeram o convento... os thesouros... uma porção de coisas.

Ahi o povo todo se enthusiasmou e veiu pra rua disposto a mostrar ao Hoover a nossa hospitalidade.

Kodakisou-se tudo que havia de aproveitavel. Gentes e coisas.

Foi uma belleza...

Disso resultou que o Brasil foi descoberto pela terceira vez. Agora já se sabia que o Rio de Janeiro não tinha mais onça nem indio. Se até o senhor Agache passeava a sua cabelleira atrevida e ninguem fazia nada...

Positivamente era um grande paiz. E o telegrapho mandou pra Paris, pra Shangai, pra toda parte a noticia da nova terra.

Agora já se affirmava com segurança: Brasil, capital, Rio de Janeiro. Cidade muito grande. Bonita Cidade que tem o Fluminense, o Pão de Assucar, o doutor Washington Luis e outras coisas que fazem o progresso...

Com a noticia alvoroçaram-se os navegantes. E choveram os turistas.

No Carnaval foi uma lastima.

Trouxeram muito dinheiro, mas deram muitos incommodos.

Por exemplo: no Carnaval a gente andava atraz de um Pierrot mascarado, crente que conquistava um authentico "genio de raça" e beliscava a perna ossuda de uma americana jogadora de "golf"... Era um aborrecimento daquelles...

— Positivamente, o descobrimento do Brasil foi um grande erro...

Marinha

A praia humida espelha o céo riscado de azas.

Claridades cortam em angulos os planos luminosos da areia.

O mar alegre e inconstante atira-se voluptuosamente na praia.

As ondas salgadas riscam na areia amarella traços brancos de espuma.

Ondulações verdes desatam-se nos penhascos negros manchando-os de branco.

Aço de barbatanas velozes apparecem cortando o nivel do mar.

Mergulhos vertiginosos de pássaros e saltos luminosos de peixes movimentam o scenario alegre e cheio de maresia.

O sudoeste corre com as nuvens e encrespa a superficie verde.

E vae levando o batalhão crespo de ondas que em corrida morre na praia entre espumas...

E todo o mar faisca como o dorso de um enorme peixe...

Na claridade da praia o mar espraia em fios pela areia a salsugem de algas e sargaços.

SEBASTIÃO FERNANDES

NA AVENIDA ATLANTICA

NA PRAIA DA URCA

NA ESCOLA DE BELLAS ARTES

A mesa que presidiu a collação de grão dos novos architectos.
Dois instantaneos do baile de formatura.
Os diplomados com suas madrinhas.

THEATRO

ENTRE as cousas admiraveis, conseguidas em um paiz sem theatro, mencione-se, destacadamente, a Casa dos Artistas. Na verdade, em meio de uma desorganisação geral, a dentro de uma situação mais do que fluctuante e incerta, espanta que essa idéa haja surgido, tenha tido o apoio de todos, tornando-se em realidade, a mais util e a mais proveitosa, exemplo de previdencia de uma classe tida como fundamentalmente imprevidente e descuidada. Isso demonstra que o caracter bohemio attribuido á gente de theatro é uma asserção theorica, que hoje em dia não tem mais razão de ser, pelo menos, no Brasil, onde, realmente, se não nota differença alguma entre um artista theatral e as pessoas que abraçam outras profissões, no que diz respeito á vida que levam, gostos, inclinações e procedimentos. Só os obstinados teimam em estabelecer linhas divisorias, traçadas por Satanaz, e que só existem como producto da propria cegueira, da absoluta ignorancia dos factos reaes.

Mas se existe a Casa dos Artistas, outra podia ser a sua situação e mais dilatados os seus prestimos, se contasse com o esforço e o carinho geral da classe. Ha, sempre, á testa della, um grupo de abnegados que, atravez de toda a sorte de sacrificios, a mantem, luctando com denodo, contra a indifferença da maioria. E' isso que não está certo! A religião de todos os que trabalham á luz da ribalta, devia ser a Casa dos Artistas, a assistencia medica e hospitalar garantida para si e os seus na hora triste das enfermidades, o asylo, sem vexame, para a velhice pobre, desvalida. Assim não é, no entretanto, por desleixo de uns e má vontade de outros. Muitos, desgostosos, se afastam, sem se lembrar que, assim, não combatem eventuaes serventuarios, concorrem para a ruina da instituição. Peores do que todos esses, porém, são os que se arvoram, ali dentro, em influencia politica, chefiam grupelhos, vivem de mexericos, hostilisam, por despeito e por inveja, os que são grandemente uteis, lançam a sizania, em uma actividade perversa que a ninguem aproveita e que póde pôr abaixo de um momento para o outro, obra de tanto merito, que é um dos justos orgulhos do artista theatral brasileiro.

Contra esses perniciosos elementos devia se precaver a classe, unir-se para oppôr-lhes resistencia, expulsal-os, mesmo, do seu seio. Dentro da Casa dos Artistas não ha logar para politiquices idiotas de cerebros mirrados. Ha logar, isso sim, para os que desejam se devotar á prosperidade da instituição, para os que queiram promover os meios de augmentar a renda, de modo a pôr termo ao regimen deficitario que a constringe. Quanto á intrigalhada, ás discurseiras pernosticas e ridiculas, o sensato era varrel-as, não a vassoura, mas a cabo de vassoura... A Casa dos Artistas precisa ser a instituição modelar, vasada nos seus estatutos. Para isso a directoria deve ter em cada artista um cooperador. Ella, por si só, nada vale. Com o apoio geral da classe é uma potencia. E o pouco que cada um fizer valerá pelo muito que dará estabilidade ao utilissimo instituto alargando, cada vez mais, seu raio de acção, sua efficiencia no terreno de benemerencia.

MARIO NUNES.

O senhor Guglielmo Ferrero escreveu para "O Jornal" um artigo muito interessante sobre o

GEORGE BERNARD SHAW

(Desenho de Fritz Josefovics)

Theatro e o Cinema. Elle não acredita que o Cinema mate o Theatro.

E diz: "E' estranho que se accuse a nossa época de não lêr mais livros, apezar da fabulosa quantidade dos que são impressos todos os dias. Si o jornal tivesse matado o livro, que explicação dar ao facto de que, em tempo algum, se imprimiram tantos livros como em nossos dias? Nem todos, é verdade, encontram leitores, mas se em conjuncto, essa producção enorme não fosse absorvida pelo publico ella não poderia continuar indefinidamente e as casas editoras não viveriam assim tão prosperas.

Acontece o mesmo com o theatro. Longe de diminuir por causa da concorrencia dos cinemas, as representações dramaticas multiplicam-se a olhos vistos. Cada dia vae-se mais ao cinema e ao theatro como cada dia lêm-se mais jornaes e livros.

O modelo e a vulgarisação, em logar de reciprocamente se excluirem, mutuamente se auxiliam. Creio que podemos ir mais longe e dizer que, se existe uma crise da literatura da arte dramatica, não é porque não lemos mais livros nem vamos mais ao theatro, e sim porque lemos livros demais e vamos excessivamente ao theatro.

O jornal e o cinema não são senão os symptomas mais visiveis da obscura molestia que tantos medicos procuram diagnosticar.

Em que consiste essa molestia? Outr'ora cada arte tinha um publico restricto e homogeneo, cujas exigencias eram limitadas e definidas. O gosto evolucionava com lentidão, cada geração tinha suas preferencias e suas medidas de aferição, que tyrannizavam os artistas ao mesmo tempo que os sustentavam. O campo aberto á acção dos genios era limitado, mas nesse espaço marcado, o artista sabia o que tinha a fazer para agradar e ser apreciado.

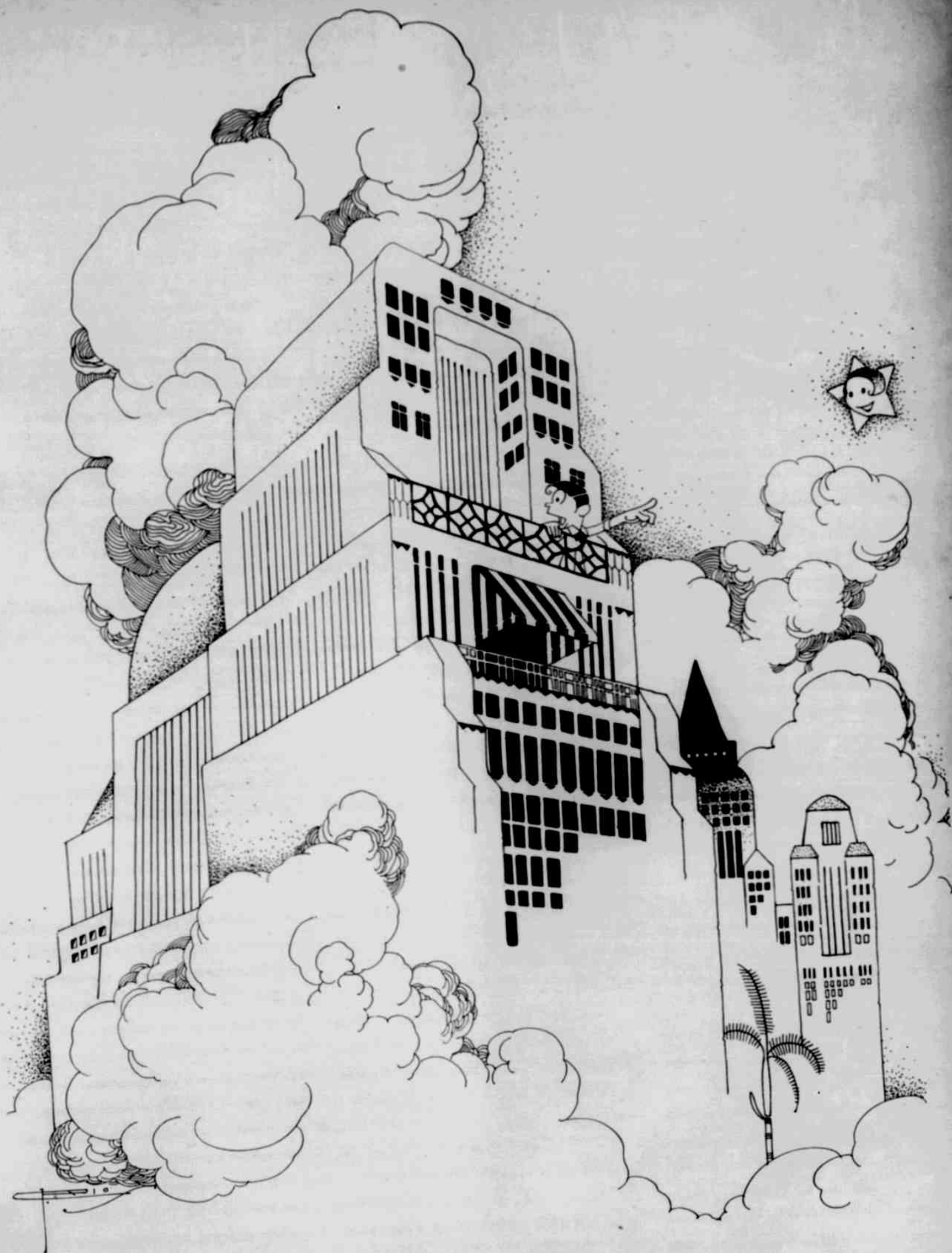
De seu lado o publico, embora curto e rigido, sabia o que queria, não hesitava nos seus pronunciamentos nem mudava de gosto varias vezes durante o mesmo anno.

Hoje todas as artes trabalham para um publico immensamente accrescido. Embora accusem nossa época de odiar ou desprezar a belleza, nunca appareceram tantas pessoas ansiosas por ouvir musicas, lêr romances, comprar quadros e applaudir os actores do palco e do "écran".

Mas em virtude mesmo de sua multidão esse publico é heterogeneo, compõe-se de individuos muito differentes pela origem, educação, cultura, preparação, finura.

A elite de gostos apurados e sabendo o que quer perde-se no oceano dos que só tiveram uma iniciação accelerada a uma vida superior, ardentemente almejada, mas ainda mal conhecida.

Como a elite não tem contacto com a multidão nem a póde dominar, esse vasto publico fica entregue a si mesmo, a seus desejos obscuros, a suas impressões superficiaes, sem pesos e medidas aferidos e communs.

Versatil e timido, admira com facilidade e esquece depressa, está sujeito aos caprichos, aos erros—confunde a extravagancia com o genio, a novidade com a originalidade, a violencia com a força, a emphase com o resentimento.

NO QUINQUAGESIMO NONO ANDAR

— Mamãe, mamãe! Aquella estrella está mexendo commigo

A MENINA DOS TAFETÁS

Nena! Ella appareceu um dia lá em casa. Fizeram-n'a subir para o meu escriptorio, e collocaram-n'a numa cadeira, em frente á mesa de escrever. Quando cheguei, ouvi desde a porta da rua:

— Vae lá em cima vêr a surpreza que te espera!

Não me picaram a curiosidade porque de muito eu me affizera áquellas delicadezas de familia: arrumavam-me os livros esparsos e desirmanados, esfregavam as vidraças dos armarios, estendiam um retalho de crivo debaixo do tinteiro, fincavam quatro flôres num vasinho de esmalte e me aguardavam freneticas. Era nisto que se cifrava a grande surpresa.

Mas, daquella vez, como quizessem significar que a novidade não era a imaginada, minhas irmãs juntaram com malicia:

— Está lá em cima ùma moça que te procura...

Subi. Ainda tinha o dedo no botão da electricidade e já me havia entrado pelos olhos, com a primeira onda invasora da luz, o perfil de Nena. Achei-a cerimoniosa com o seu vestido de tafetá armado e o seu chapéo de abas largas, todo de rendas pretas, e sem nenhum enfeite, o que condizia com a singeleza estylada das vestes, que eram, por signal, da mesma côr. A unica vaidade da moça talvez fosse uma flor lustrosa de contas de onde pendiam duas fitas na linha da cintura alta, porque não era bem vaidade aquella guarnição da golla de cambraia pregueada, que lhe cingia o pescoço, e rebentava uma branquidão de espuma no collo estreito.

Sorri com a lembrança e, como ali a metteram, ali a deixei, com o seu ar parado de visita de cerimonia, e os seus olhos tristes de menina engeitada.

Com o correr das noites de estudo fui porém me affeiçoando áquella companhia: e quando algum trabalho mais instante me fazia ranger a penna e entornar copos frios de café até o alvorecer, a presença de Nena, tão quieta e sem somno, conciliava-me com todas as creaturas, como as exhalações frescas da aurora me reconciliavam os pulmões com a vida.

Por fim os de casa já pareciam arrependidos da surpreza, e não disfarçavam a sua ponta de birra. Se alguem entrava a perguntar por mim, iam respondendo logo:

— Ora! Está lá em cima, ás voltas com a Nena!

E á noite, quando deitavam um disco novo no prato verde da victrola, e a casa chiava de alegrias mechanicas, lá em baixo, do primeiro patamar da escada, subiam as risadas de brinquedos:

— Vem ouvir! Desce hoje, ao menos! Deixa um pouco em paz esse diabo de Nena!

Eu levantava a mão da escripta, piscava os olhos para a menina dos tafetás, e perguntava-lhe:

— Que tal esse tango, Nena?

Ella não respondia. Nem eu a interrogava na esperança de lhe quebrar o sello dos labios, e sim porque julgava mais commodo, e menos disparatado, dirigir-me a uma boneca do que falar sósinho, como faz tanta gente. Nena me olhava silenciosa. Olhava-me por de sob a aba do chapéo, cujas rendas, de ramagens, se desenhavam varadas da luz no seu rosto conformado ao comprido, e discreto de pinturas. As mãos que a concrearam e lhe comprimiram o algodão da pequenina mascara foram sem duvida muita espirituaes, porque, sendo ella boneca de panno ou de pasta, não era desnarigada como as da sua raça, que o seu nariz se perfilava fino, angelizado quasi, e com dois salpicos de rosa nas azinhas immoveis. Além disso, não desconcertava pelo excesso de vida ficticia. Apenas lhe tinham diluido até meio rosto o circulo das olheiras tenues, como se houvessem prophetizado que os accintes do destino iriam banil-a dos salões macios de almofadas, tornando-a companheira dos meus serões compridos. O desenho da bocca se acerejava sem pequenez ridicula de recórte, e os olhos, esses, se rasgavam sem dilatações de orgia, da mesma fórma que as faces rosavam vaporosas, sendo de notar, mais que tudo, o tom perfeito e continuo de que se impregnara o semblante, no fingimento difficil da tez humana.

N'isto, e nas roupas de Nena, sempre reparei; no rosto não. Basta confessar que vivendo com ella tanto tempo não sei de que é por dentro, nem como está vestida por baixo. Tive um dia a curiosidade de saber se as ligas não a affligiam. Não cheguei no entanto a verificar siquer se usava ligas, porque me repugnava

levantar-lhe a orla do vestido, fiar-me da solidão, do seu silencio e fraqueza, para devassar os escondidos do seu corpo.

Não estou fantasiando; registro ou conto, isto sim, o que ia e vae no meu intimo, por muito estranho que por ventura se affigure ao commum dos homens possa haver algum que não se atreva a erguer uma sainha de boneca, quando, por causa de outras, não raro toldamos as fontes da vida que canta, nem nos pejamos de sacrificar os brios.

Mas eu sou assim, ou por melhor dizer, assim me fez, neste particular, uma senhora que visinhava com os meus paes, lá na provincia, e tinha umas filhas que hoje casaram e enviuvaram, e parecem comtudo cirandar ainda commigo, dentro do banho daquelles luares do Sul. Bem me lembra que um dia, como a filha de seis annos me viesse fazer figas com uma boneca do Natal e eu, curioso, tomando da caixa em que a figurinha se deitava com o seu chapéo de pastora, presa ainda pelo elastico dos pés, da cintura e do pescoço, lhe arrepanhasse os babados azues para vêr como lhe iam morrer as pernas lá em cima, a mãe me lançou um olhar de sideração, um olhar que nunca me esquecerá porque me fere ainda, e disse, crescendo sobre os meus sete annos:

— Não, seu debochado! Não levante o vestido da boneca perto das meninas! Tamanho homem, e não tem vergonha!

E' por isso, acaso, que a Nena ainda está inviolada no seu pudor de moça, e lhe sei apenas dos exteriores, do tafetá preto, do chapéo de rendas e das espumas da cambraia.

Ora, n'aquella noite, como eu estivesse maltratado de todas as illusões, e adivinhasse nos modos de Maria do Carmo, minha unica allucinação, a falsidade das creaturas que já não nos querem mais e se embaraçam todavia de confessar os equivocos do coração, suppondo poupar o nosso quando, pelo contrario, a força presaga do amor lhe redobra as torturas; n'aquella noite, como ia dizendo, lobrigando no deserto, que já começava a rodear-me, o desamparo da razão, tive o sentimento de que na minha loucura pendente iria trocar pela imagem de Nena a da amante que me desabraçara. Prendendo o entendimento, já fugitivo nas phrases rôtas, rilhando os dentes para soffrear as lagrimas que se atropelavam, voltei-me então á companheira inerte, mas que me olhava com a doçura de sempre, e previ com meiguice tragica:

— Deixa-te estar, Nena, que quando eu perder de vez a Mario do Carmo, hei de saber recompensar todos os teus desvelos. Terás outro vestido, mais curto e menos rodado... Mudarás esses sapatos dourados e hei de coalhar-te o collo de perolas, dar-te brincos longos de balanço, e gemmar-te os pulsos e os dedos das pedrinhas da moda. E terás tambem um chapéo unido, um chapéo sem abas, uma bolsa bem grande e uma sombrinha pequena.

Minhas palavras não lhe demudaram o aspecto. Como já eram vozes descosidas de delirio, pareciam envolvel-a sem lhe provocar uma reacção das sersiduras occultas, e rolavam pelos rufos da saia, vinham cahir no chão. Mas, porque á força de lhe fixar os olhos lhe fui descobrindo, ou creando, uma expressão de contentamento, não se applacava aquelle desvario sinistro de lucidez, ou de saudade:

Irás commigo pelas casas de chá desfrequentadas, e ficaremos conversando até o anoitecer pelas mesinhas dos angulos apartados. Ao outro dia, pelos salões repletos, estaremos juntos, mas como se foramos desconhecidos um do outro; e nas tardes de chuva, escondidos no fundo dos taxis, rodaremos pelas avenidas de beira-mar, e eu ficarei com a bocca ensopada dos teus labios, e tu, de olhos parados e com a pelle fria de gelo, me estenderás os labios ainda! E não é só: andaremos por appartamentos mysteriosos, e quando eu lhes dér volta á chave encantada, cahirás nos meus braços... Has de me offerecer os pulsos para que as minhas mãos te desabrochem as pulseiras, e me collarás o ouvido á bocca, pedindo-me te desatarrache os brincos, e te sussurro duas vezes mais o segredo do meu amor. E terei de te despir, e tonto do cheiro do teu corpo extasiante, hei de cobril-o todo de beijos! Estás ouvindo, Nena?...

Depois os dias passaram, passaram... A successão dos silencios de morte de Maria do Carmo, que iam se unindo uns aos outros, rolando no tempo, era uma bola enorme de neve a opprimir-me, cada vez maior, cada vez mais fria, paralysando-me todas as torrentes da vida! E a luz, que me cercava os dias claros de saudade, pesava e doia-me como um panno de cilicios que os céos me atirrassem para carregar sobre aquella afflicção. Infelizmente, a razão me phosphoreava ainda, as idéas me lucilavam longe como uma poeira de estrellas reflectida no abysmo. Eu queria enlouquecer para acabar com aquillo, enlouquecer para não lembrar mais, e viver na illusão dramatica de Nena, de modo que as suas mãos de boneca me atassem, na escuridão da loucura, o fio partido da felicidade.

Em casa, todos apprehensivos do meu mutismo.

E, n'uma noite de festa, em que me abraçaram muito, subi as escadas do escriptorio hirto como um somnanbulo. Haviam-me preparado a surpresa sabida das arrumações. Não atinei no emtanto com aquellas mudanças da desordem, porque me bastou vêr Nena de cabeça para o outro lado frente inclinada num geito de desdem que me doia, n'um geito imitado da outra, para que eu me arremessasse como se ella fôsse já a Maria do Carmo, e lhe travasse do corpo com dedos de aço, sacudindo-a como um trapo, e rosnando: ... ...

— Ah! Minha cynica! Espera um pouco que eu não enlouqueci ainda!...

Mas os dedos se me affrouxaram logo, e Nena cahiu surda no pavimento. Fiquei de mão no ar, desalentada como no instante da quéda, e a olhal-a de bocca escancarada, tomado de estupor doloroso, e sentindo que o chão me fugia.

Um disco novo vibrava na agulha da victrola as suas alegrias faceis de manivella. Minhas irmãs, lá de baixo, recriminavam e supplicavam:

— Desce! Que falta de sentimento! Olha que hoje é o dia dos teus annos, é um dia da familia... Deixa todas as Nenas em paz!...

HORACIO CARTIER.

A BONEQUINHA ENCARNADA

DE BARROS VIDAL

Era, realmente, seductora, a bonequinha encarnada.

Na vasta sala, inundada de luzes, de guizos e de mascaras, a pequenina de ar bregeiro era a nota delicadamente inconfundivel.

O baile infantil ia em meio quando ella surgiu numa aureola estranha em que a força dos seus encantos apagava os encantos dos outros... A bonequinha encarnada avançou, de vagar, mechanicamente, como uma boneca que acaba de sahir da caixa de papelão. E com a immobilidade de physionomia das bonecas, ella olhou em redor. E, linda, deixando cahir do morango dos labios um sorriso doce, falou:

— Eu sou a bonequinha encarnada!...

* * *

Durante os tres dias de Carnaval, em Bello-Horizonte, onde quer que a travessa bonequinha encarnada apparecesse provocava todas as curiosidades. De facto irresistivel, a bonequinha travessa revelava tanta vivacidade de espirito, tão bom humor e intelligencia que difficilmente se podia comprehender tivesse ella apenas dois annos de idade...

Uma revelação...

Arrebatando todos os premios que os clubs offereceram á creança melhor fantasiada e mais espirituosa, a bonequinha encarnada ganhou, em tres dias, as glorias que muitos envelhecendo não alcançam, sorrindo sempre e repetindo quando lhe perguntavam o nome: .

— Eu sou a bonequinha encarnada...

* * *

— Linda bonequinha quer ser entrevistada pelo "Para Todos"?

— Não...

— Por que?

E ella, num tregeito de irresistivel comicidade, enchendo as bochechas de ar e abrindo os bracinhos morenos:

— Eu só me passo pr'o "Tico-Tico"...

* * *

— Dá licença?

Os pápás da bonequinha encarnada nos receberam amavelmente, cheios de sorrisos, de palavras bôas para nós e carinhosas para ella.

— Que é da nossa amiguinha?

— Está no jardim... Espere um pouco.

E, em pouco, realmente, não a bonequinha encarnada mas uma moreninha encantadora apparecia dentro de um pyjame com um lindo sorriso nos labios e "O Tico-Tico" nas mãos...

Vendo o photographo, franziu a testa como esses velhos rabujentos que não gostam de tirar retratos e com ar de enfado foi dizendo na sua linguagem de phrases sem syllabas finaes e de sons trocados:

—— Eu só tilo o meu letato se papae dexá, ouviu?

E como o pae a animasse a "posar" ella indagou:

— Eu ou a boneca?

— As duas...

Ella, rindo e mostrando os dentinhos brancos e miudos:

— Então uma de "tada" vez, no é?

* * *

— Seu nome?

— Malia Zulêta...

— Maria Julieta? repetimos.

— Sim, mas em casa eu sou Cucuka...

— Quantos annos tem?

Ella respondeu sem falar mostrando dois dedos...

De que gosta mais?

— De agua...

E menos?

— Da chuva...

— Mas chuva é agua, accentuamos...

E ella, na sua ingenuidade, apontando o ceu:

— Ih! moço Chuva é agua do papae do céo!...

* * *

A bonequinha encarnada, dilectta filha do engenheiro Quintino dos Santos, a travessa

Maria Julieta que resistiu, sobranceira, a todas as nossas perguntas, convidava-nos, agora, para percorrer as intimidades do seu quarto.

Detendo-se em frente de uma boneca loira, dominando dezenas e dezenas de brinquedos espalhados em redor, apresentou-nos:

— Lili este moço veiu me perguntá coisas! Tonversa tom elle, tambem...

E a apresentação continuou:

— Ali é o Zuão!

— O Zôzé!

— A Malia!

— O alopano!

— O ortomovil!

A' approximação de uma criadinha, a boneca encarnada apresentou-a tambem:

Esta é a Maia do Bangalô...

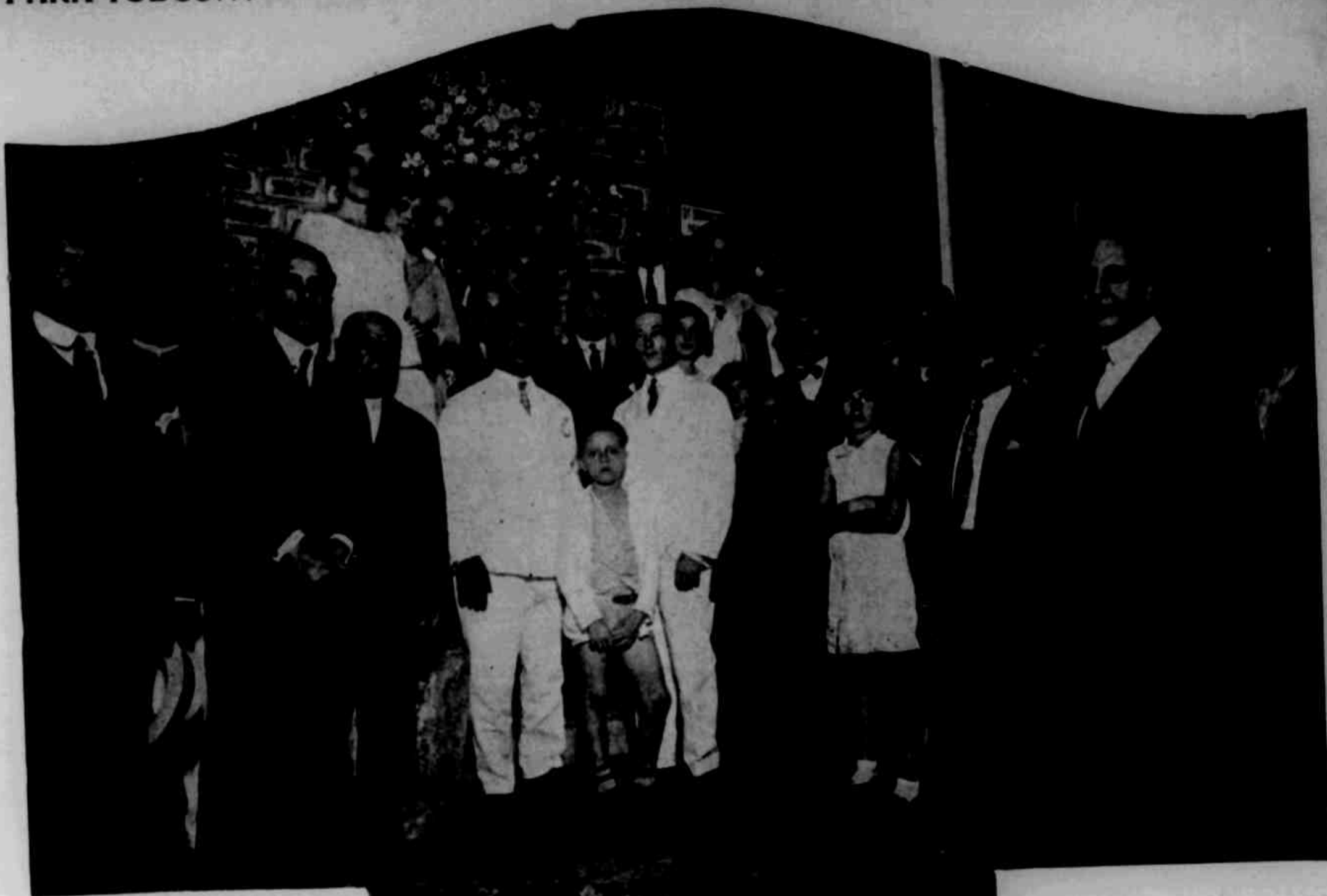
E o pae da bonequinha explicou que a criadinha se chama Maria do Patrocinio mas a irresistivel creança a chama bungalow porque ella, antes de ir ser sua ama, trabalhava num bungalow defronte...

* * *

Maria Julieta, a menina prodigio que aos dois annos de idade já frequenta o jardim da Infancia, com brilho e enthusiasmo, ao despedir-se de nós disse com enfado:

— E' pau a zente sê impotante, no é?

DESENHO DE ROBERTO RODRIGUES

Domingo, na casa do Dr. Antonio Dormund Martins. Intendente Municipal, quando lhe foi feita carinhosa manifestação por seus amigos e correligionarios.

O senhor Edmundo Bittencourt passou a propriedade do "Correio da Manhã" ao seu filho doutor Paulo Bittencourt. A familia da imprensa brasileira, que não é uma familia muito unida, recebeu a noticia com pena e com prazer. E' um velho trabalhador, sincero e forte, que a abandona. Mas quem o substitue, pela intelligencia e pelo animo destemeroso, vae continuar a dirigir a grande folha com a mesma linha de sempre.

A Doutrina de Freud, artigo do Professor Franco da Rocha, publicado em numero anterior desta revista, pertence a um livro do eminente scientista e apparecêra antes na "Revista do Brasil", de onde foi feita a transcripção. Tinhamos posto no fim d'"A Doutrina de Freud" uma nota que explicava isso. Um descuido da revisão não deixou que a nota apparecesse como devia de apparecer, dando assim a idéa de que tinhamos recebido do Mestre aquelle trabalho sobre uma theoria que tanto preoccupa actualmente o nosso mundo intellectual e que já forneceu assumpto para varias conferencias do doutor Julio Portocarrero na Associação Brasileira de Educação.

Editado pelos Srs. Pimenta de Mello & Cia apparece hoje em publico o livro do Sr. Dr. Bianor de Medeiros, denominado "Falando á Mocidade".

O 2º exemplar desse trabalho nos foi offerecido pelo autor, com uma dedicatoria das mais amaveis.

Luis Quintanilla

Os amigos de Luis Quintanilla offereceram-lhe na vespera do seu embarque um almoço intimo. Alvaro Moreyra disse em nome de todos a Luis Quintanilla:

— Repete-se exaggeradamente que a vida é monotona.

Ponto de vista...

Tal qual aquelle que na oração catholica chama á vida "um valle de lagrimas"...

Parente illudido de outro, do Principe de Monte Nevoso: "a vida é um jardim de delicias"...

D. Pedro II, que tambem fazia sonetos, começou um assim:

"Andar e sempre andar é a vida a bordo..."

A gente não sabe nada.

Póde acontecer que isto que parece a terra seja ainda a arca de Noé.

Póde acontecer que o velho imperador dentro de um verso ingenuo dissésse uma verdade esperta.

O Judeu Errante é quem podia informar.

Mas onde encontrar o Judeu Errante a estas horas?...

Só você, meu querido Luis Quintanilla, seria capaz de descobrir em que estrada passe'a agóra o homem mais magro deste mundo.

Porque você é poeta.

E faz coisas impossiveis.

Já transformou hoje um almoço de despedida numa festa de alegria.

Para quê, entretanto, além do hespanhol de nascimento, do francez da juventude, do inglez do amor, do brasileiro de dois annos comnosco, para que ainda falar hebreu e arriscar-se a pagar carissimo por uma resposta absolutamente inutil?

Não é você mesmo a prova mais feliz de que a vida não é monotona?

E'.

Você chegou ao Rio vestido de diplomata.

Vinha representar uma nação que nós todos amámos, a Republica do Mexico, orgulho da America.

Um diplomata móra sempre no seu paiz, esteja onde esteja.

O predio das legações e das embaixadas resume a patria distante e tem fronteiras das grades da frente ao muro dos fundos.

Quando elle sae, viaja pelas ruas...

Você não se limitou aos habitos da carreira.

Ficou logo brasileiro aqui.

E quem nos deixa amanhã é um brasileiro.

Não vamos sentir saudade de um amigo apenas.

Vamos lamentar a falta de um irmão que nos quér bem e ao qual queremos bem.

De coração e de cabeça.

Quem ha de esquecer a sua intimidade, tão envolvente de gentileza e de intelligencia?

O artista fica em alguns poemas que são dos mais commovidos da poesia americana, dos mais bellos da poesia moderna.

O homem vae-se embora.

O homem bom.

O homem encantador.

E' ao homem que dizemos adeus.

Adeus, Luis Quintanilla.

Até um dia.

Que a sorte risonha o léve e proteja sempre com você a sua companheira distinctissima e a sua adorada filhinha.

A bordo do "Western World", quarta-feira da outra semana, quando partiu para os Estados Unidos o senhor Luis Quintanilla, secretario da Embaixada do Mexico com sua senhora, sua filhinha e sua cunhada.

N O I N S T I T U T O D O S A D V O G A D O S

Sexta-feira, 15 de Março, quando foi a sessão especial em homenagem ao Doutor Rodrigo Octavio, novo Ministro do Supremo Tribunal. Foi-lhe offerecida uma beca de seda. Falaram os senhores Levi Carneiro, presidente do Instituto, Pinto Lima e Sá Freire. A todos respondeu, gratissimo, o senhor Rodrigo Octavio.

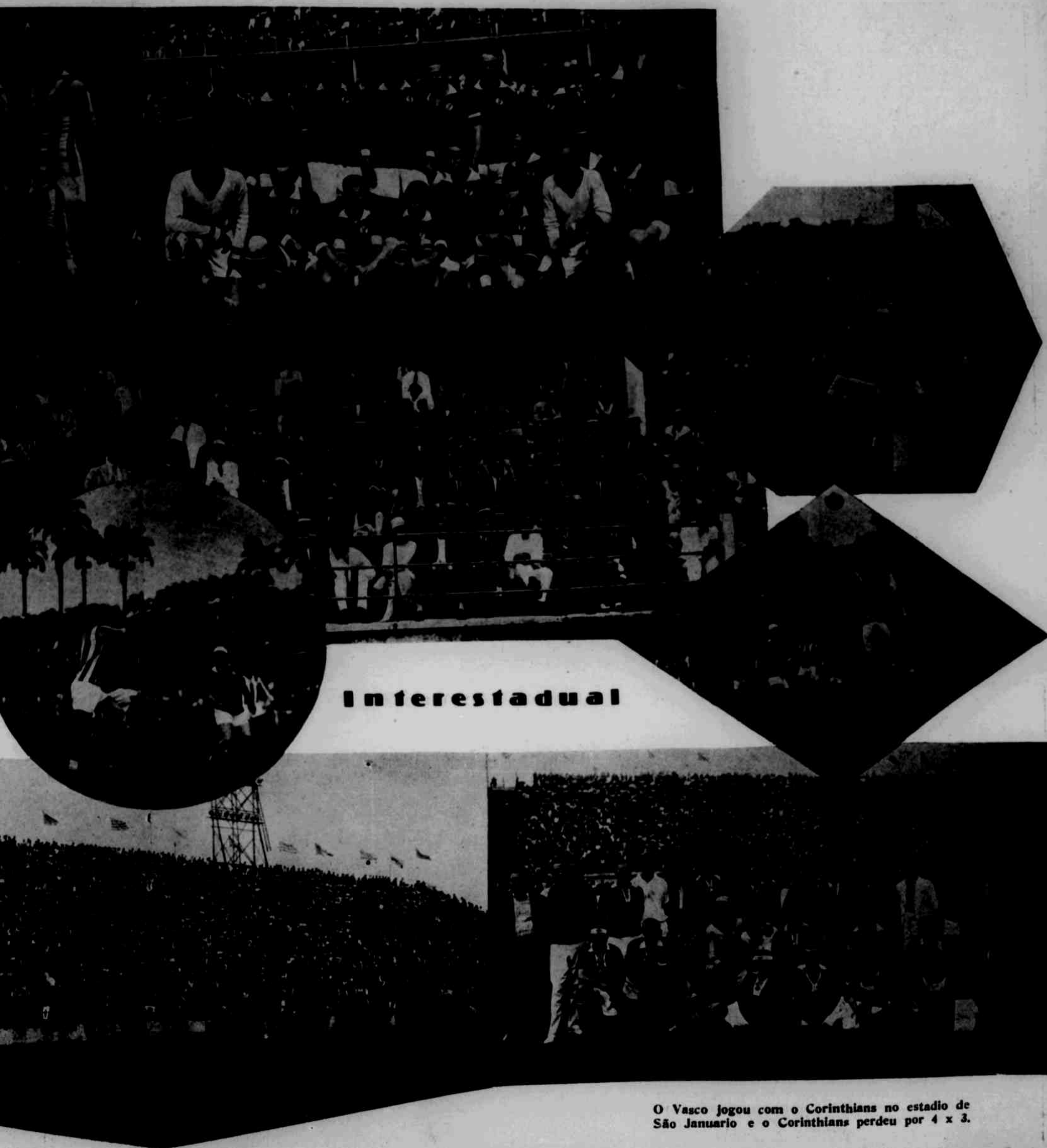
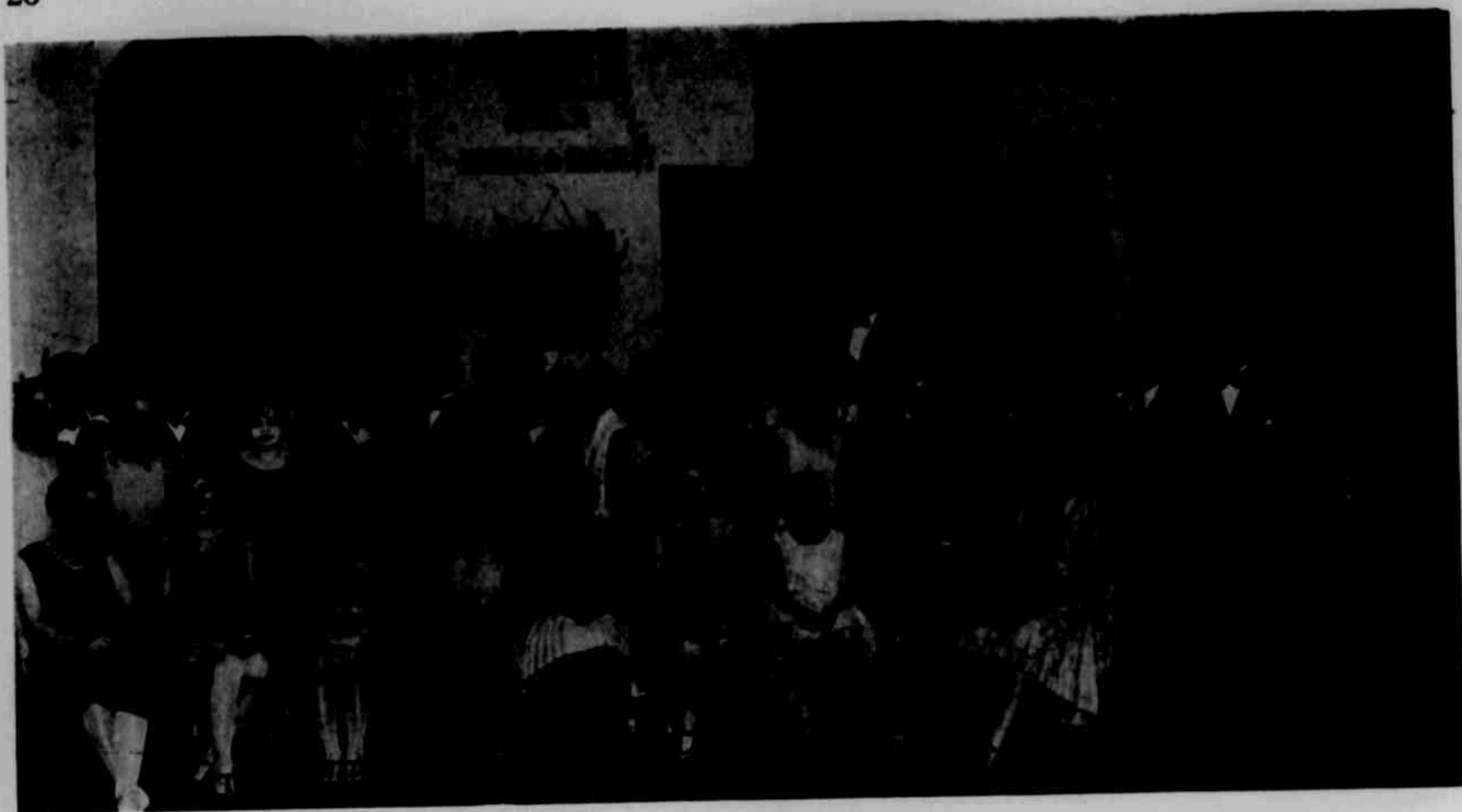
●

Em baixo, commemoração do 75° anniversario de nascimento do sabio allemão Emil Von Behring, o fundador da sôrothe-rapia, um dos grandes bemfeitores da humanidade. Emil Von Behring recebeu em 1902 o premio em medicina, de Nobél. Morreu em Novembro de 1917.

N A F A C U L D A D E D E M E D I C I N A

Football

O Botafogo jogou com o Palestra no estadio do Fluminense e o Palestra ganhou por 3 x 2.

Interestadual

O Vasco jogou com o Corinthians no estadio de São Januario e o Corinthians perdeu por 4 x 3.

Sabbado passado, no Club de Natação e Regatas, rua Santa Luzia, num intervallo do baile que ali se realisou.

• • •

E n l a c e

Carmen Del Negro - Ermando Ciuffo

Foram padrinhos da noiva, no civil, o senhor Nicolau Del Negro e Dona Magdalena Ciuffo; no religioso, Doutor Everardo Backheuser e Professora Maria Eugenia Ferreira. Foram padrinhos do noivo, no civil, senhor Domingos Del Negro e Senhora; no religioso, Doutor Esposel Coutinho e Senhora. — Photographia tomada na Matriz de Sant'Anna no dia 23 de Fevereiro.

Da terra da garôa

O mundo inteiro, a um appello da America do Norte, abriu concursos de belleza feminina para escolher as mais formosas entre as lindas. Cada paiz elege a sua representante: "Miss Russia", "Miss França", "Miss Polonia" e assim por deante. Nós tambem vamos escolher a nossa embaixatriz. Pouco falta. Os jornaes de grande circulação encarregaram-se de dirigir o pleito aristocratico, esse pleito tresandando a essencias de Houbigant, a perfumes de Coty e aquelle ôdor que é o apperitivo do peccado. "Miss São Paulo", por exemplo, vae ser escolhida hoje á tarde, no Theatro Sant'Anna, onde se exhibirão, para gozo de uma assistencia refinada e para julgamento final — encantadoras creaturas. A natureza para ellas foi mais generosa: caprichando no acabamento artistico de um perfil; retocando com cuidado uns olhos amendoados, alongando pestanas que suavisam olhares; desenhando um nariz suggestivo, rasgando labios perturbadores, deitando a esmo um signal gracioso num rosto feito a buril, traçando fórmas attrahentes num corpo tentador.

A escolha definitiva de "Miss São Paulo" vae ser feita logo mais á tardinha... A's minhas mãos veiu ter um convite d'"A Gazeta".

Felizmente não se lembraram de mim para figurar no jury. Ahi está uma incumbencia verdadeiramente grave e cheia de responsabilidades. Com o meu feitio, em se tratando de mulheres, todas as candidatas teriam o meu voto. Julgar mulheres é encargo que nem todos pódem acceitar...

Quanto a mim, confesso, teria que jurar suspeição.

Se se tratasse de opinar sobre feios peccados de Eva, talvez não hesitasse. A accusada, seria fatalmente absolvida. Na hora de votar lembrar-me-ia do julgamento de Phrynéa e repetiria a sentença dos austeros juizes de outr'ora. A minha imaginação se encarregaria de fazer na propria ré o que fez aquelle modelo de Venus ao entrar no Tribunal: despir-se. E aos meus olhos irreverentes de julgador occasional a peccadora appareceria em todo o esplendor da nudez omnipotente.

Mas, o caso é diverso. Cuida-se de escolher a mais bella entre as bellas, e ellas, agora, vêm resguardadas pelo manto sagrado da pureza.

Pagú, pintora de São Paulo, por ella mesma.

Problema difficilimo, pois, de resolver... Não desejaria estar na pelle de nenhum daquelles que logo mais vão decidir sobre competições de natureza tão delicada. Penso em que embaraços se encontra o meu collega Casper Libero, director d'"A Gazeta", o diario que controlou o concurso. Quantos olhares supplices não lhe serão dirigidos durante o juizo final? E elle que é tão amavel, tão gentil com o outro sexo!

As derrotadas inevitavelmente guardarão no intimo o rancor da vaidade contrariada. E' preciso não esquecer que as mulheres em geral são deliciosamente futeis e irritantemente insubmissas. Jámais se conformam e se resignam com as resoluções desfavoraveis. Imagine-se lá até que ponto pódem chegar creaturas que se acreditam pelos seus dotes physicos, merecedoras de destaque entre as muitas da mesma geração.

Incorrer nas iras desses anjos, cheios de frivolidades e escravisados á religião da "coquetterie" é peor que receber a excommunhão papal. Praga de mulher bonita equivale á maldição divina. Desgraçado daquelle sobre cuja cabeça ella recahir...

De resto, em sã consciencia eu não daria, em hypothese alguma, o meu voto para a conquista de "Miss São Paulo".

Em primeiro logar, nem sempre as mais votadas são as mais bonitas de uma região... Nos concursos populares, em que o que decide é o numero de votos adquiriveis a peso de dinheiro, póde bem a belleza legitima ser preterida pela fartura do ouro, a serviço de uma vaidade caprichosa. Por outro lado, ha raparigas de educação rigorosamente austera, naturalmente impedidas de concorrerem á disputa sensacional. O recato feminino, apezar do modernismo e da "garçonne", ainda é predicado apreciavel no Brasil.

A verdadeira "Miss São Paulo", assim como a verdadeira "Miss Rio", não as conhece o publico.

Ha uma outra circumstancia a levar em conta: Cada um de nós tem a sua "Miss", a "Miss" dos seus sonhos, a sua "Miss" ideal, a sua "Miss Perfeição". A's vezes, até, tem mais de uma. Principalmente os que não se contentam de saber "de la beauté des femmes que ce qui en est écrit".

SALVADOR ROBERTO

Marechal José Pilsudski, dictador da Polonia, com suas duas filhinhas. Elle fez annos no dia 19, que foi dia de festa no pequeno paiz, hoje livre, e que dá, pela actividade e pela intelligencia, orgulho á Europa fatigada.

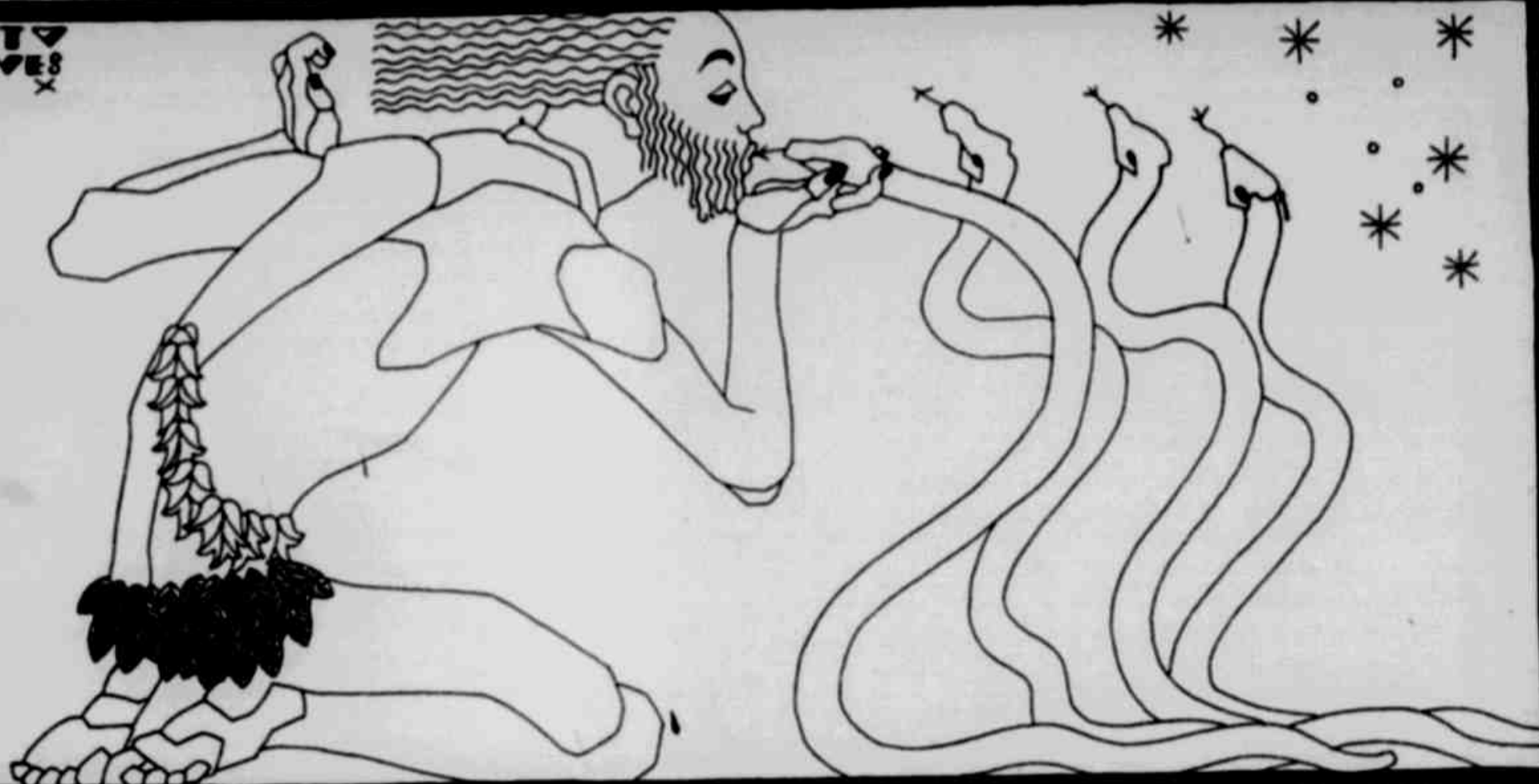
Temos uma porção de livros bons aqui. Ainda não houve tempo para dar noticias delles. Mas quem ainda não os conhece que se apresse em conhecel-os: "O Sabio e o Artista", de Pontes de Miranda; "Canta, coração", de Laura Margarida; "O que os outros não vêem", de Chrysanthème; "Poesias", de Elzie Mazza Nascimento Machado; "Terra de Cacique", de Aureliano Leite; "Depois do Paraiso", de C. da Veiga Lima.

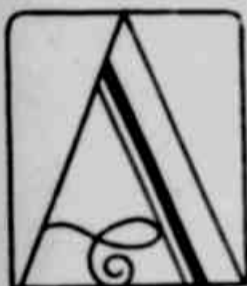
●

Na Societá Ausiliari della Stampa, quando o nosso companheiro Antonio A. de Souza e Silva, director-gerente da Sociedade Anonyma "O Malho", recebeu o titulo de socio honorario.

MEU FILHO

Carlos Henrique José
— Meu senhor formoso e pequenino
Ao murmurar teu nome
As palavras,
Parecem sahir-me de joelhos pela bocca,
Vem por assim dizer das minhas veias
Sobem dentro de mim serenamente,
Porque tua vida é toda a minha vida
Pois se em ti se resume o deus que adoro
Se estás contente — canto
Se estás enfermo — choro
E não sou mais que um pensamento só!
Meu senhor formoso e pequenino,
Meu deus menino,
Meu Carlos,
Meu Henrique,
Meu José!

Odette de São Felix Simonsen

O ENCANTADOR DE SERPENTES

• POR • CECILIA • MEIRELLES •

PRIMEIRA vez, elle veiu de dentro da floresta, bello e triste, na sua meia nudez de solitario, andando num extase, mal poisando no chão, differente de nós, de todos, differente delle mesmo... Os seus olhos, em lua crescente, tinham expressões de plumas negras curvando-se, — e punham-lhe em sombra a figura inteira. E os gestos, com solennidades sagradas, transfiguravam tudo em redor.

Mudo e sózinho, antes de entrar na cidade meditou.

Que vinha elle fazer ali?

Que vinha fazer, entre os homens, elle, o solitario, o que sempre vivia no reino prodigioso da floresta, vestido só de folha e de flor, banhado só de lua e de sol?

Sentia pelos hombros o roçar de azas-corollas das grandes borboletas languidas, fugindo...

E nos ouvidos cantaram-lhe as vozes graves e dolorosas, as vozes longinquas, apaixonadas, perdidas, dos passaros poetas, crepusculando...

E o soluço, o bramido, o clamor, o sobrehumano e poderoso falar, muito longe, das féras, na noite enorme...

Que vinha elle fazer ali?

Sob a tranquillidade do céo de ouro, muito alto e silencioso, a cidade apparecia triste, com uma expressão enferma de logar em que se padece.

Distantes umas das outras, as casas baixas, velhas, fechadas, dormiam, talvez, um somno antigo, um somno-morte, recluso e infeliz...

Cidade de abandono e ruina, cidade-creatura, coberta de doenças, peorando áquelle sol em que corriam brilhos sangrentos de laminas... E, porque assim a julgasse miseravel e soffredora, estendeu-lhe um demorado olhar sacrificante, e proseguiu, andando num extase, mal poisando no chão...

Procurava pela paizagem a sombra de um vulto.

Queria saber dos que habitavam ali, queria falar-lhes, queria ouvil-os, com uma nostalgia nalma, um cansaço de ter sido sempre só, na sua meditação, perdido na quietude verde da matta.

Sentia-se immensamente humano: queria realizar a sua humanidade interior.

E caminhava.

Então, abriu-se para dentro da escuridão de uma casa uma porta silenciosa, e uma mulher pallida e magra, que ia sahir com o filho ao collo, espreitou, num receio, o caminho, em pleno sol, e, vendo vir o estrangeiro, deteve-se.

Elle chegava devagar, majestoso, solenne, barbaro.

Tinha uma cinta de palmas; a barba descia-lhe ao peito; morria-lhe toda a luz ambiente no cabello selvagem; os olhos eram noite alta...

E fez uma saudação demorada e humilde á mulher, que se detivera olhando-o todo.

Ella, porém, respondeu com um, de tal modo sobrio, gesto, que, sem mais nada ousar, continuou o seu caminho.

Lá em baixo atravessaram correndo duas creanças.

Tambem uns passaros atravessaram o céo.

Depois, tudo ficou mudo e immovel, egual a uma pintura.

E, até o entardecer, só esse mysterio encontrou, no seu avançar silencioso, pelo silencio...

Mas, quando esperava desilludido a noite, um velho que passou, e parecia a ultima creatura que se recolhia, cheio de pressa e medo, perguntou-lhe em sobresalto:

— Quem és tu, meu amigo? E's um estrangeiro?

Mas, então, vem commigo, que é melhor o meu abrigo de pobre que o desamparo da rua.

Vem, pois começa a escurecer, e estas noites são noites de maldição...

E, porque o estrangeiro não no entendesse bem, o velho affligiu-se:

— Vem commigo, estrangeiro! Tu não sabes, com certeza, o perigo da noite, nestes tempos de praga... Mas vem, eu te contarei...

E aquella voz inquieta, no mysterio da cidade erma, cada vez mais impressionante.

O estrangeiro hesitava, sem saber...

Então, para convencel-o, para leval-o dali, para salval-o, o velho contou-lhe tudo...

... Que, ao baixar da sombra, vinham de logares occultos, ondulantes, vagarosas, processionaes, as longas e lentas serpentes que penetravam os lares e, senhoriaes e fataes, vertiam veneno e morte...

Impossivel, o exodo...

Não se podia saber para onde fugir...

Talvez a cidade estivesse condemnada ao exterminio...

Por isso, estava tudo assim fechado e silencioso, e, dentro das casas, faziam-se orações e chorava-se de dia e de noite, desde bastante tempo... E o velho insistiu: — Vem commigo, meu filho! Não tenhas medo de nós! Acredita que não fizemos nada para merecermos este horror!

E' o Destino, é o destino! Mas tu não és daqui...

Tu não estás condemnado... Vem commigo! Auxilia-te! Aqui, ao desamparo, é inevitavel...

Anda, que a sombra já baixou muito...
Anda, que é noite...
Anda, meu filho, anda!

Eu já vi morrer tanta gente! Os meus olhos estão cheios de mortos, e o meu coração, e a minha alma!...

Tem pena deste velho, meu filho, e vem!

Mas o estrangeiro falou, moroso:

— E' por isso que a cidade está deserta...

Foi por isso que ninguem me appareceu...

Mas, então, foi só por isso?

E como o velho estava admirado, vendo-o tão calmo, a reflectir e a monologar, o estrangeiro serenou-o:

— Pois, descansa, eu vim da floresta; eu vivi entre serpentes e féras muito tempo...

Desde que votei a minha vida a meditação...

Pódes deixar-me aqui: quando ellas chegarem, eu as chamarei a mim e as conduzirei para a floresta, e sereis salvos todos vós...

O velho segurou-lhe os braços e olhou-lhe os olhos, vivamente:

— Ah! tu vens da floresta!

Tu és um homem que tem a graça de...

Eu já ouvira falar desses homens e da sua musica irresistivel...

Quero ficar comtigo, e ouvir... e vêr...

E o estrangeiro disse:

— Não.. Eu sou differente dos outros...

Eu sou silencioso...

Eu encanto serpentes com o olhar e o pensamento, só...

E então fez-se noite, e ouviu-se um rumor lento e placido, em torno...

O velho ainda teve um ultimo receio.

O estrangeiro afastou-o:

— Vae para a tua casa e descansa...

— Mas escuta, meu filho, escuta: quando é que nós te veremos, agora?

— Vae para a tua casa e descansa: eu voltarei.

* * *

Sobre a cidade muda e triste, abriu-se um grande luar extraordinario.

E a marcha nocturna das serpentes desdobrou-se num grave cerimonial rythmico e sumptuoso.

Umas eram todas negras, com fogos verdes nos olhos, outras rubras, e pareciam labaredas, e muitas eram de ouro polido e ardente, muitas, brilhantes e claras como rios, — e todas avançavam, sob a lua maravilhosa, funestas e mortiferas, ondulando, num bailado somnambulo de luzes e côres...

O estrangeiro estendeu-lhe os braços pallidos...

Esperou, nessa immobilidade sacerdotal, de olhos quasi fechados e vida ausente, quasi...

E, emquanto a cidade transida jazia no seu vasto pavor, uma por uma as serpentes foram descendo, languidas, num alquebramento frouxo de seducção...

Arrastavam-se rumorejantes como se trouxessem trajes de joias, vergando o collo, num extase...

E o luar corria-lhes pelo corpo abaixo, em collares longos, orientalmente...

Braços estendidos e olhos quasi fechados, o estrangeiro recuava, muito lento, muito lento...

Mal poisava no chão, — pallido, hypnotisante, grandioso e sagrado como um idolo.

E as serpentes, perdidas de encantamento, acompanhavam-no, deixando a cidade, fascinadas, vencidas, emquanto a noite se prolongava e o luar mais intenso era, lá no alto, um profundissimo oceano branco...

....

Foi assim, essa noite prodigiosa...

O cortejo embrenhou-se pela floresta, perdeu-se pelas frondes e pelos troncos...

E as serpentes adormeceram num somno encantado, quando o luar se acabou, como no fim de um milagre...

*** A segunda vez, elle veiu de dentro da floresta coberto de alegria, como se trouxesse nalma, profusamente, passaros e flores...

E antes de entrar na cidade, meditou.

Como iria encontral-a, depois de salva?

Estariam as casas abertas, e homens e mulheres trabalhando e cantando, num allivio...

Ou, se chorassem, ainda á lembrança das mortes, seria o chôro consolador e feliz dos que têm descanso para soffrer...

Haveria, ao menos, tranquillidade, naquelle velho burgo...

E as creanças poderiam brincar e falar alto e viver a sua resurreição...

Pensou na paizagem triste que lhe tinha apparecido, a outra vez, naquella immovel paizagem que o sol riquissimo tornava muito mais dolorosa...

E como fazia mal vêr abrir-se para dentro da escuridão de uma casa o silencio de uma porta, e apparecer uma mulher padecedora, com olhos fundos de angustia...

Oh! a cidade, a cidade!...

Como iria encontral-a, depois de salva?

Como o iriam receber?

Onde, em que caminho, em que praça, ia encontrar a ignorada creatura a que poderia dizer:

— Eu vim da floresta, deixei a minha meditação e o meu ermo, porque senti uma saudade nunca sentida de viver para os outros...

Eu vim por amor de vós, que não conhecia.

Deixae-me ficar aqui!

E proseguindo, ansioso e inquieto, penetrou na cidade, cheia de côres e de vozes, sob o sol...

....

Tudo parecia novo, tudo parecia outro...

Havia passaros voando baixo, e até poisando pelo chão...

Descansavam creanças, numa sombra, com flores vermelhas nas mãos...

E borboletas subiam e desciam... Uma por uma, as casas por que passava estavam abertas; mas de dentro dellas ninguem via a sua figura pallida e longa passando...

Raparigas com roupas alacres andavam lá em baixo em rodas ruidosas...

E elle ouviu falar de festejos, e sentiu que tudo estava feliz.

Lembrou-se então da noite de encantamento, reviveu o seu extase, em pleno luar, de braços estendidos e olhos quasi fechados, falando com a alma á alma rastejante das serpentes, e levando-as e adormecendo-as com esse occulto falar...

Que pensaria, delle, que a salvára, aquella gente?

Que pensaria de tudo aquillo?

Mas em vão caminhou todo o dia, cruzando-se com os passantes...

Nem a sua figura estranha e meia núa prendia a curiosidade de ninguem...

Era um estrangeiro que passava...

Que tinha isso?

Dentro da tarde, cantavam vozes de mulheres e creanças...

Tudo novo... Tudo outro...

Era dia de festa! Era dia de festa!

Ninguem sabia já daquelle tempo de pavor, que morrera...

Quando a noite chegasse, luzes seriam accesas, para a alegria continuar... As noites de maldição tinham-se ido... As noites de maldição estavam tão longe como as lendas incriveis de tempos immemoriaes, de paizes extinctos...

O estrangeiro, em vão, procurou quem o acolhesse e quizesse saber a que vinha...

O velho que da outra vez lhe falára, e que tão ansiosamente indagára da sua volta, — por onde andaria agora?

Nem o podia perguntar...

E talvez tambem fosse inutil... Podia estar esquecido... Era dia de festa! Era dia de festa! E elle sózinho, naquella confusão... Elle, desconhecido, incomprehendido, perdido... Parou tristemente, olhando a cidade cheia de rumores e gestos, com a alma tolhida numa dolorosa agonia, num doloroso pudor... Esteve assim meditando e soffrendo... Depois voltou por onde voltára na grande noite de que ninguem sabia. Atraz delle a cidade foi ficando mais longe, com os seus rumores e luzes... E elle se foi perdendo no silencio e na sombra, e penetrando na floresta como se fosse morrendo...

DECORAÇÃO DE ROBERTO RODRIGUES

VELHO MURO

ALVARO ALVAREZ.

QUELLE muro, de paredes carcomidas, eu o vi construir, tijolo a tijolo, vermelhando ao sol, num tempo que vae distante.

Cantava o mestre de obra, marcando o compasso com a colher que sobrepunha argamassa, uma canção regional.

Depois uma glycinia alongou os braços, alcançando-o num amplexo. Casava-se bem o branco da pintura fresca, com o verde da folhagem viçosa. Cresceu tambem a "lagrima de Christo". Floriram as trepadeiras e o muro encheu-se de galas, coroando-se de flôres.

Um dia ruio uma parte do rebôco.

Era a primeira ferida. A primeira dôr.

Na chaga rasgada reappareceram, como sangue vivo, os tijolos vermelhando ao sol.

Ali murchou, tambem, o lilaz da glycinia, como u'a saudade morta.

Foi o principio da decadencia.

Dahi por diante o musgo começou a crescer, atacando-o. A humidade tornou-o negro e feio.

Outros pedaços cahiram fragorosos.

A ultima "lagrima" seccou, sem o lenço de u'a folha verde que a colhesse.

Nunca mais alguem se preoccupou com aquella parede — divisa de quintal — que um dia teve pompas.

Hoje ao vêl-o, a mercê dos corvos que delle fazem descanço depois de vôos longinquos, eu lastimo o pobre muro.

Eu tambem fui assim, num tempo que vae distante.

As flôres da Esperança floriram nas paredes do meu coração moço.

Depois ruio o primeiro rebôco argamassado de Illusões.

Desde ahi eu vejo sobre mim, esvoaçantes, os corvos negros dos desenganos.

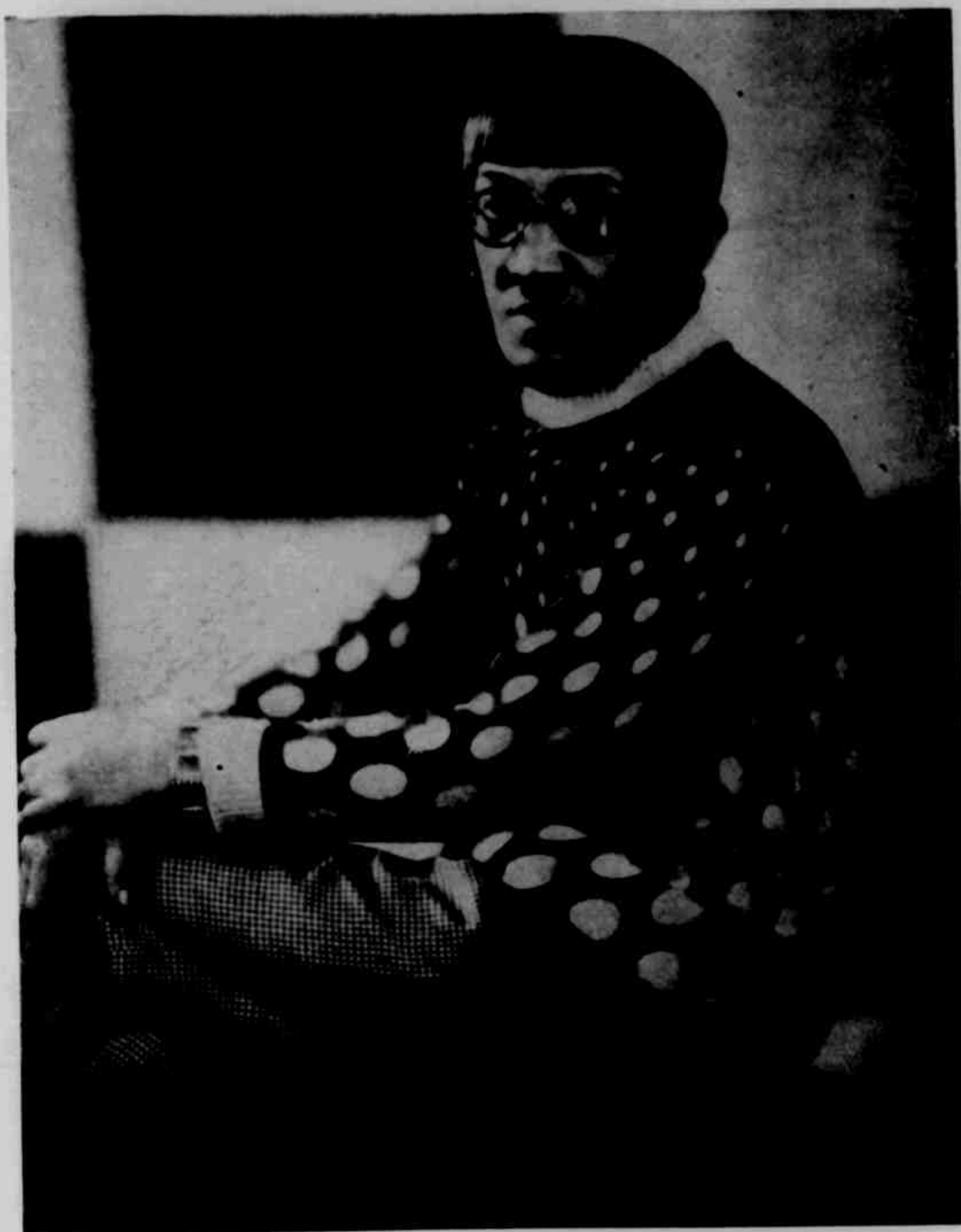
Aquelle velho muro é um exemplo da vida!

Paranaguá, 927
Paraná.

ILLUSTRAÇÃO DE J. CARLOS

BELLAS ARTES

Paulo Lopes de Leão inaugurou, em São Paulo, a sua mostra de Arte. Os seus quadros, como sempre, despertaram o maior interesse pelas qualidades de real belleza. Lopes de Leão apresentou aos seus admiradores 80 telas cujos titulos são os seguintes:

Portas da Conquista (Triptico), casas de pescadores, manhã na Guanabara, tarde de verão (Martigues) ao sol (Pinheiros), canôa em repouso, sombras de verão, no silencio da serra (Serra do Mar), beguinage, (Bruges), dia de sol (Campinas), barranco ao sol (Nictheroy), casebres no sertão, em pleno sol, néo de queimadas, separando o peixe (Praia da Bôa Viagem), flamboyants em flor, dia de vento (marinha), rancho no sertão, vaso azul, alto da serra, São Domingos (Nictheroy), mar azul (Rio), no rio Pinheiros, luz matutina (Perdizes), no caminho do

O pintor japonez Fugita, que tanto agrada ao ambiente da Cidade-Luz

Padre José (Serra do Mar), nos campos da Armour, por entre as arvores, a casa vermelha (Gand), recanto feliz, morro Jaraguá (sol de Agosto), margens do Tieté, remanso, (marinha), no Pacaembú, dia cinzento, (Santo Amaro), ao meio dia (na roça), velho portão, rosas brancas, Parque Anhangabahú, velas ao sol (Antuerpia), [illegible] tamarindeiro, casa velha, amanhecer (Rio), dentro da matta-virgem, velhos troncos (Jaraguá), mormaço (marinha-Rio), dia cinzento (marinha), recanto alegre (Nictheroy), verão (Praia de Icarahy), rosas em botão, almoço de pescadores, velhos cajueiros (Nictheroy), na varzea do Canindé, meio dia (Santo Amaro), reflexos de prata (Rio), casa colonial, velha ponte (Malines), casa antiga, Alto da Serra, ondas de esmeralda, entrada da Barra (Rio), Egreja da Varzea (Nictheroy), lagôa triste (Itaquaquecetuba), arredores de Faxina, repouso de pescadores, no "Sacco de S. Francisco", do alto da Serra de Paranapiacaba, tempo incerto (marinha) beira de estrada, do morro da Penha (Nictheroy) fim da rua (Perdizes), de manhã (Praia Vermelha), arredores de Nictheroy (Neves), Santa Thereza (Rio), brincando na praia, praia da Bôa Viagem (Nictheroy), tempo encoberto (marinha).

Retrato da Excellentissima Senhora Dr. R. B., retrato do Dr. E. A. S., Iacy (retrato).

O esculptor Modestino Kanto tem quasi concluida a figura principal do tumulo do mallogrado official João Marques Filho.

Segundo consta nas rodas de Arte, o monumento a Bias Forte vae ser confiado ao esculptor Stavace.

Esteve no Rio o pintor Anibal Mattos.

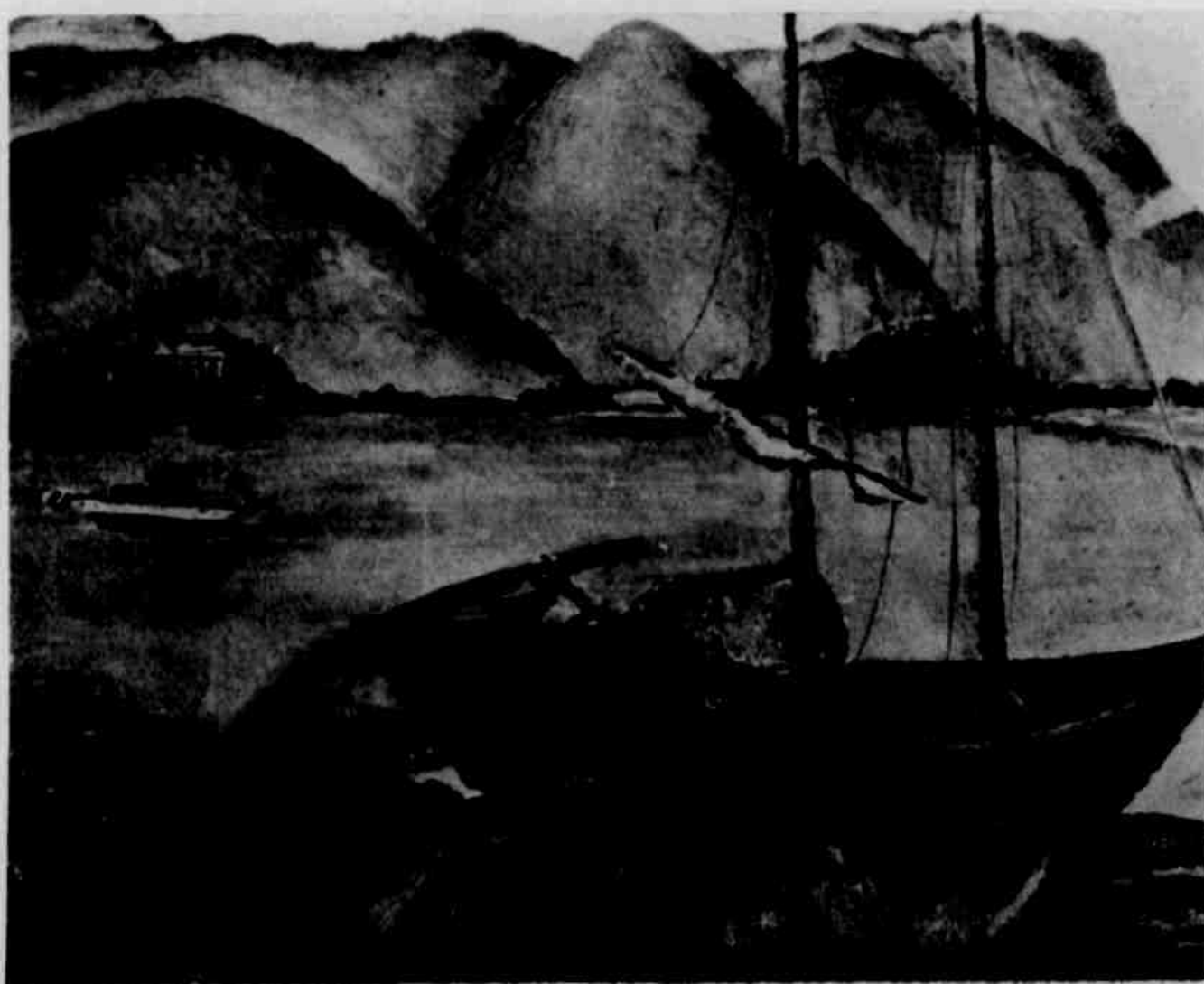
O casal Galvão

ARTISTAS BRASILEIROS EM PARIS

O casal Santiago

FESTA NA ROÇA

LAGO MAGGIORE

Da Exposição de Annita Malfatti em São Paulo

As pinturas de Annita Malfatti, mostradas em São Paulo, no começo deste anno, deram dias de festa para a gente daquella cidade que é a cidade mais amiga dos artistas que o Brasil tem. Annita Malfatti agora fica devendo ao Rio uma exposição igual. Em Junho, por exemplo. Pagará ?

Cinema

DOIS FILMS FRANCEZES

I — **As aguas do Nilo** — Os Srs. Delac e Vandal adaptaram ao cinema o romance de Pierre Frondaie: "As aguas do Nilo" e fizeram um film admiravel. O Egypto é o paiz em que os mortos têm influencia sobre os vivos que nunca deixaram de sentir sua presença invisivel. Por isso, o amor de dois jovens Francezes contrariado por um oriental, homem de negocios sensual e cruel, deixa de ser simplesmente um amor perseguido pelos vivos. Sente-se a hostilidade em todo o ambiente: as sepulturas, os templos, a esphynge com o seu sorriso terrivel, tudo reprova e se liga contra esse pobre amor.

Pela leitura do romance o caracter da encantadora heroina parecia fraco, de uma fraqueza proveniente de sua hereditariedade e educação. No film, tem-se a impressão de que ella se sente principalmente esmagada pela majestade dos deuses millenarios do Egypto, pelo Nilo e pelo sol.

O film tem magnificas photographias das mesquitas á margem do Nilo, desde o Cairo até Assonan.

Tirado realmente no Egypto, o film é assombroso de realidade e graças ao film-falante Gaumont-Petersen a illusão de se estar naquelle paiz é completa, ouvindo-se os barqueiros cantarem louvores a Allah e as suas canções de amor.

O desenrolar dessa tocante historia de amor é triste: morrem os do's amantes.

A interpretação masculina é muito boa: o Oriental é Maccudian — formidavel! O joven francez é Jean Murat, muito amoroso e masculo. Lu Parry incarna a heroina com muita sensibilidade e talento.

II — **Les Nouveaux Messieurs** — Essa espirituosa comedia de Robert de Flers e Francis de Croisset foi adaptada agora á tela por Jacques Feyder. O film, assim como a peça, une á ascenção politica uma intriga amorosa sem complicações.

"Les Nouveaux Messieurs", são esses operarios que de uma hora para outra a maioria eleitoral eleva até a posição de ministro e que passam sem transição das salas enfumaçadas dos cafés aos salões dourados do Palais-Bourbon. A amiguinha do protagonista acompanha-o na sua brusca ascenção: de simples elemento do corpo de baile passa a estrella.

O film conserva o espirito da peça e é excellente como technica. Jacques Feyder é eximio na arte de movimentar grandes massas populares. A greve, a invasão da Camara dos Deputados pelas bailarinas da Opera, a visita ministerial a uma cidade operaria, constituem scenas de um realismo admiravel e dignas dos melhores enscenadores. Além disso, ha lindas scenas onde se póde apreciar melhor o tal[illegible] dos interpretes. Gaby Morlay, a amiguinha do operario-ministro, é uma artista de primeira ordem. Rousell faz ao vivo o papel de um aristocrata francez, um fidalgo de velha e legitima nobreza: que nobreza, que finura no seu olhar, no gesto mais insignificante!

Albert Préjean é distincto demais para electricista, o que é um senão, mas recupera toda a sua vantagem quando passa a ministro.

Em resumo: um bom film sob diversos pontos de vista e muito bem interpretado. Uma prova de que existe uma arte cinematographica franceza.

●

ANNE NICHOLS

MUSICA

NOSSA pagina presta hoje uma pequena homenagem a Ary Kerner Vieira de Castro, ou simplesmente Ary Kerner, como é mais amplamente conhecido.

Interessada, como sempre tem sido, em batalhar em prol do desenvolvimento da nossa musica popular e de seu aproveitamento, como fonte inesgotavel de inspiração, para os nossos compositores de escol, esta secção deliberou fazer mais conhecido do publico os autores populares, que são, no fim de contas, os mais legitimos representantes da nossa musica.

Ary Kerner, dentre elles, é um dos que mais se têm imposto. Por isso mesmo, um dos que mais se têm popularisado.

Para que um autor se popularise é indispensavel, antes de tudo, que as suas composições possuam essa inspiração espontanea e facil, que está ao alcance do publico, para que este a escute.

Kerner é um dos que mais possuem inspiração — e dahi, sem duvida, a sua popularidade.

Quem conhece "Bemzinho do coração", canção pretensiosa, mas sinceramente sentida, póde bem ter a certeza de que Ary Kerner é um inspirado.

O celebre quartetto allemão "Das Guarneri", contractado para a temporada deste anno dos Concertos Viggiani, no Lyrico.

Carioca da gemma, desde os 12 annos de idade convive com a musica. Começou como solista, cantando em igrejas. Aos 13 annos aprendeu o violão. O instrumento predilecto da alma popular despertou nelle o sentimento da composição. Datam dessa época as primeiras modinhas que compoz. Estudou depois violino, para, finalmente, se dedicar ao piano, que é o seu instrumento predilecto.

Nascido a 27 de Fevereiro de 1906, conta actualmente 23 annos de idade e uma bagagem musical que orça por cerca de 200 composições.

Tem abordado todas os generos de musica ligeira: valsas, canções, modinhas, emboladas, fox-trots, sambas, tangos, maxixes, caterêtês, lundús, toadas, etc. Algumas dessas pequenas peças têm granjeado a mais legitima popularidade.

Basta citar, entre outras, o tango "Infeliz", a marcha "Que pequena sapeca", os fox "Jockey Club" e "D. Optima", as valsas "Sinos de Saudade" e "Visão Romantica", o samba "Morena côr de canella", os chôros "Xô Canarinho" e "Viola quebrada", afóra outras. Além disso, musicou a peça "Cazemos a sogra", de Nino Mello e a "Matuta".

ARY KERNER
compositor brasileiro

Poeta, além de musico, possuindo um livro intitulado "Rimario de Illusão", publicado o anno passado, Ary Kerner é o proprio autor de todos ou quasi todos os poemas de suas composições musicaes — e isso é uma vantagem que elle leva sobre outros compositores que só escrevem sobre textos alheios...

STRADIVARIUS, o mais celebre de todos os fabricantes de violino, de todos os tempos, apezar do nome e da gloria que grangeou mundialmente, tem em redor de sua famosa personalidade uma lenda que não deixa de ser curiosa. E' que, segundo se affirma, o grande homem nunca passou de um analphabeto!

Ha, entretanto, os patriotas orgulhosos de haverem nascido na mesma nação que o celebre fabricante, os quaes não se conformam com essa versão, que, de qualquer fórma, empana o brilho de sua fama. Não se comprehende, afinal, como ter chegado á celebridade, um homem que não sabia lêr...

Eis porque, de vez em quando o assumpto surge á baila, trazido por interessados, que se propõem a desfazer a duvida. E foi o que se deu ha pouco tempo, com a descoberta de uma serie de manuscriptos, attribuidos a Stradivarius.

Os interessados, entretanto, não contaram com a opposição que haveria de surgir por parte do professor Illemo Camelli, director do Museu de Cremona, que descobriu que os manuscriptos em questão estão assignados "Stradivario" e não "Stradivarius", que é o verdadeiro nome do homem dos violinos.

Para Camelli, Stradivarius não nasceu em Cremona. Disso foram prova as pesquizas feitas nos registros parochiaes da cidade, ordenadas pelo bispo Bonomelli.

Camelli, entretanto, não se conforma com a idéa de que Stradivarius fosse analphabeto. Para elle, a assignatura, sempre a mesma, que se vê nos violinos de Stradivarius, indica que quem a lançava era um homem que, por força, havia de saber lêr e escrever. Entretanto, o director do Museu não confia na legitimidade dos manuscriptos attribuidos a Stradivarius. Leva-o a essa convicção a graphia desse nome — Stradivarius, quando a do legitimo

(Conclue na pagina n. 41)

UM

DOMINGO

DEPOIS

DA

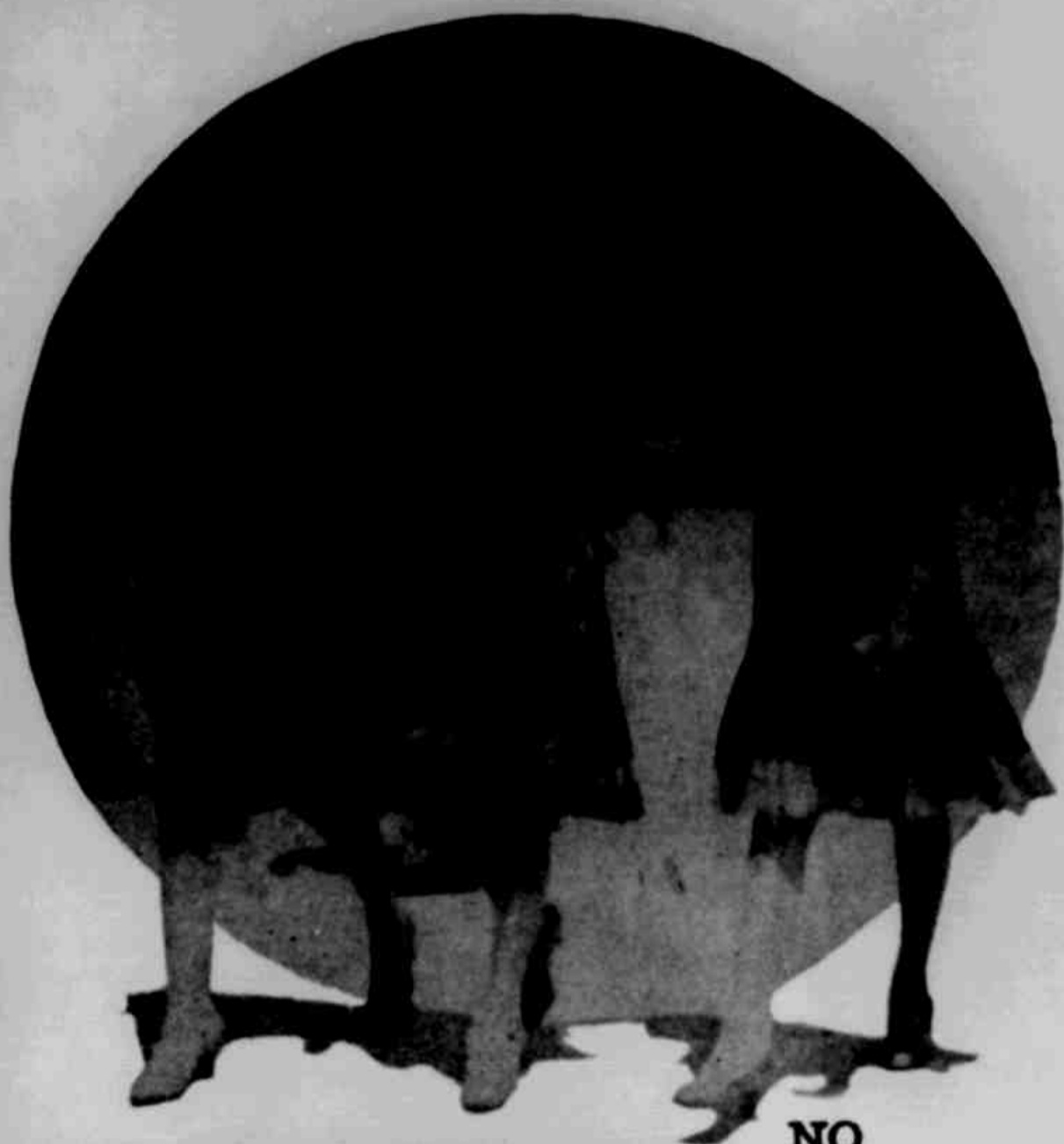
MISSA

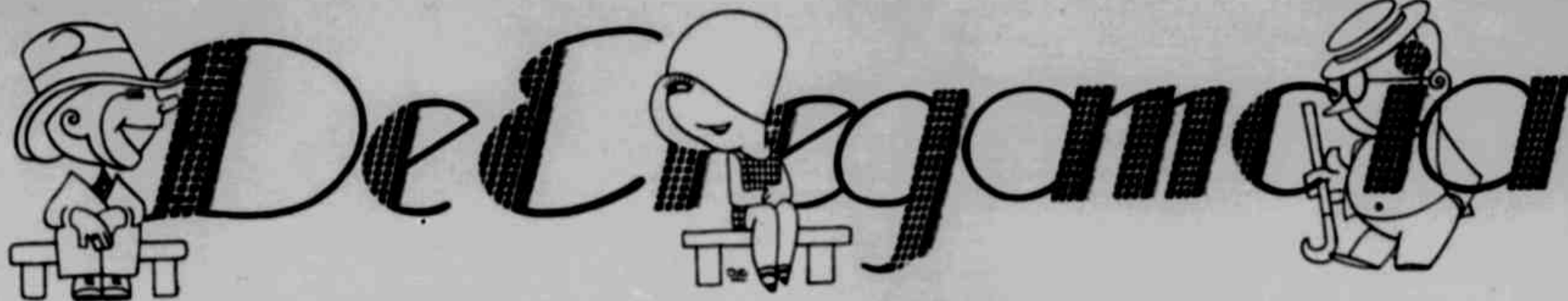
NO

LARGO

DO

MACHADO

DEPOIS DA MISSA

NO LARGO DO MACHADO

DOMINGO DE MANHÃ

De Elegancia

Não é a primeira vez que eu procuro a opinião de um critico literario, sobre a elegancia. Já obtive a de Medeiros e Albuquerque. Terei de outros. A de hoje é de alguem do "Estado de S. Paulo" lá de S. Paulo, alguem que, no jornal, com os trabalhos de redactor, fala tambem do que os outros escrevem.

Esse, é Sud Mennucci, o segundo entrevistado de S. Paulo. Desde o inicio da presente "enquête", elle me vem promettendo algumas linhas. Por multiplas occupações talvez, talvez mesmo por esquecimento, a promessa não se tenha ainda realizado. As mulheres, entretanto, são impacientes. Chegou mais uma vez a minha vez.

SUD MENNUCCI

Cartas longas ou bilhetes apressados, não deram resultado positivo. O meu illustre amigo das bandas de lá, vinha sempre com a desculpa da escassez de tempo.

Agora, porém, resolvi dar ponto na brincadeira, e decidi-me a recorrer aos contratempos da telephonica.

Em noite de verão, do nosso verão, das nossas actuaes noites escaldantes, impuz-me, a bem desta pagina, a supportar uma cabine do serviço interurbano. Pedi a ligação. Havia espera de vinte minutos, o necessarío para tomar um sorvete e dar uma volta. Na esquina de Assembléa parei á banca de jornaes. Com o pensamento fóra do Rio, pedi, no acaso, o "Estado de S. Paulo". Folheei-o. Eureka! Estava de sorte. Um rodapé de Sud Mennucci: "Livros Novos". O critico tratava de revistas literarias justamente quando pretendia eu arrancar-lhe algumas phrases para as minhas frivolidades numa revista mundana. Voltei á telephonica. Ainda alguns minutos de espera.

Tratei de matar o tempo com um relancear pelo trabalho do critico paulista. E, certa de que estava de sorte, sorri ao lêr no alludido artigo: "O que nós chamamos vulgarmente sorte é a perfeita respondencia entre uma idéa ou um plano e o exito que elle logra num determinado momento. O facto do mesmo plano ou da mesma idéa não surtir o effeito anterior numa segunda prova, dá a nosso vêr, ao primeiro phenomeno o caracter cabalistico e enigmatico da fortuna. Esquecemos que o successo é apenas a consequencia de uma tentativa que chegou psychologicamente no momento exacto e que teve, como no sport, a sua entrada em tempo, e que, reproduzida em condições identicas, dará resultados iguaes".

A telephonista annunciou:

— Prompta a ligação para S. Paulo.

A sorte, pois, continuava favoravel. Era, decerto, o momento psychologico. E se não lograsse a opinião do meu amigo? Pessimo. Teria por força de contar com a reproducção do facto, talvez em identicas circumstancias, e o resultado seria, fatalmente, identico ao primeiro. Assim, muito a medo, disse eu, de cá:

— Allô!...

De lá:

— Optima surpresa. Como vae?

O telephone estava de uma cumplicidade deliciosamente camarada. Boa transmissão. Terminada a tarefa dos cumprimentos do estylo, indaguei de algo que interessasse a "victima" dos meus momentaneos devaneios de chronista.

Sud Mennucci é, falando, o que é a escreveu: brilhante e envolvente. Em dado momento

e como a palestra se prolongasse, tratei de encaminhar o assumpto a meu modo e de accôrdo com a minha pretensão:

— Páre, por favor. A prosa vae muito boa mas a que me agradará por todos os motivos é a referente á minha pagina "De Elegancia".

Sud riu forte, riu com vontade. E num tom de ironia, a que devêra acompanhar um jogo physionomico muito expressivo:

— Insiste em me pedir uma entrevista?

— Claro. Sabe do meu empenho em trazer o seu nome para a minha secção.

— Diz isso com seriedade ou por troça?

— Como troça? Engana-se. E' pelo prazer de contar com a opinião de quem é illustre por muitos e invejaveis titulos.

— Seria então por vaidade...

— Meu, caro, eu tinha certa mal querença á vaidade. Mas acabo de ler estas palavras suas. Vou relel-as. Ouça-as: "A vaidade, virtude que, por effeito de um estranho daltonismo social, passou á categoria de vicio, é elemento precioso e insubstituivel, tanto nos individuos como nas collectividades para preserval-os do perigo das impressões faceis e, portanto, das suggestões, das copias e das contrafacções. A vaidade é o unico factor capaz de manter a consciencia das individualidades fortes cada vez mais ellas mesmas e cada vez mais vincadas".

— Muito obrigado!

— Gostou? De que?

— Gostei. Envaideço-me de tel-a por leitora... Assidua?

— A resposta depende do modo por que me vae dizer da elegancia, em geral, e da feminina em particular.

—Por que não da masculina?

— Continúa a gracejar. Mas posso adeantar-lhe que me disse, certa vez, apreciar um homem bem posto de roupas, sem que elle seja almofada, mas prefere a elegancia do espirito.

— Tambem nas mulheres...

— Por favor não prosiga. Não desvie o assumpto, fazendome uma barretada. E' do seu feitio. E o calor, aqui, na cabine, não comporta emoções grandes. A elegancia...

— Mas qual das elegancias, minha? A congenita ou a adquirida?

— Qualquer. Tudo serve.

— Engano seu. Nem tudo serve. Isso, em geral. Em particular, o caso é que, sendo duas, ha que escolher uma, o que Sorciére não fez, ou que tratar de ambas, o que me duplicaria o trabalho. Leve ainda em conta as varias manifestações da elegancia, a das linhas, a do vestir, a dos modos, a das acções, a do espirito, e veja quanta cousa para metter em uma generalisação.

Acha pouco?

— Não. Por isso é que bati á sua porta.

— Tenha então um pouquinho de paciencia. Desta vez e promessa formal: lá receberá pelo correio.

— Conta essa historia ha muito. E por que me enviou, com antecedencia, o retrato? Por que não o fez acompanhar da "entrevista"?

— Falta de tempo. Mas desta vez, repito, juro...

— Fico com a promessa, mas dispenso o juramento. Digo-lhe adeus. E' pena... Já conversamos muito, e o calor...

— Até á vista? indagou Sud.

— Se não fôr antes... pelo interurbano.

Este o resultado da minha conversa. Se não ganhei uma opinião, em regra, sempre colhi as palavras que aqui transcrevo, porque não confio muito na promessa do meu illustre amigo, apesar do juramento.

O revisor desta pagina collocou depois do meu pseudonymo o nome illustre de Iracema Guimarães Villela. Seria muito desvanecedora a confusão, mas não será muito do agrado da intelligente escriptora. Debaixo do retrato é que devia vir esse grande nome, e no fim da pagina o meu pobre pseudonymo.

Figuram nesta pagina: modelos de vestidos de meia estação, e um bordado turco proprio aos mil modos que guarnecem o "home".

SORCIÈRE.

Filhos do Sr. Octavio Faria no dia de Carnaval.

Musica

(CONCLUSÃO)

fabricante de violinos era Stradivarius. Camelli recorda que o ultimo maire de Cremona, o fallecido Antonio Mandelli, fizera, a respeito do caso, pesquisas, cujo resultado está resumido em uma obra publicada em 1908. Mais tarde, porém, elle proprio constatara que um dos registros desapparecera do Archivo Municipal de Cremona.

Que fim terá levado esse registro ? E que relação poderá haver entre elle e a descoberta actual ?

Quem sabe lá ?

O facto é que, ainda desta vez não se resolveu a questão do analphabetismo de Stradivarius. O homem continúa a ser analphabeto. Mas tambem continúa a ser Stradivarius — coisa que ainda não aconteceu com nenhum dos outros fabricantes de violinos do mundo — mesmo os que sabem lêr e escrever...

Herma de Pedro Americo no Passeio Publico.

X A D R E Z

A Associação Brasileira de Xadrez (Club de Xadrez do Rio de Janeiro) magnificamente installada á rua Uruguayana n. 3, 2º andar, resolveu, a titulo de propaganda, organizar neste mez uma "dupla quinzena de xadrez", durante a qual estará suspensa a joia de admissão.

A séde do Club será tambem franqueada aos visitantes, que poderão não só tomar parte nas sessões de simultaneas a serem conduzidas pelos mais fortes jogadores cariocas, como tambem assistir o desenrolar das partidas dos Campeonatos Brasileiro e do Districto Federal.

O leitor deve aproveitar essa opportunidade.

PROBLEMA N. 3

J. Hartong

Pretas — 1º Premio — 10 Peças

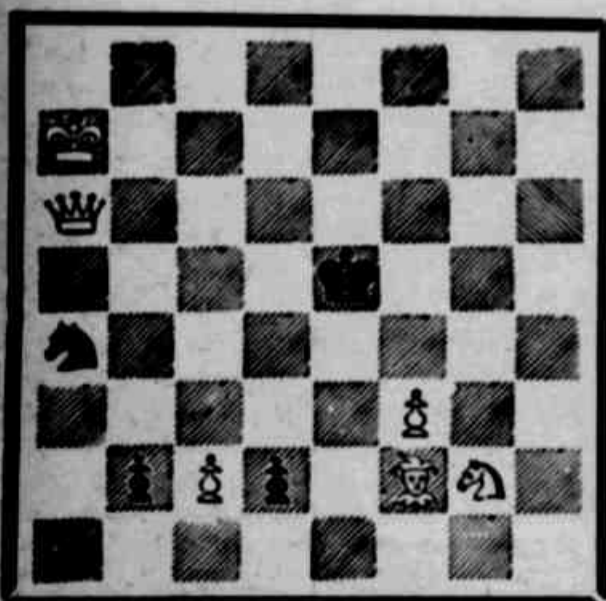
Brancas — "Verdun" — 9 Peças

Mate em 2 lances

●

PROBLEMA N. 4

L. Knoteck

Pretas — 1º Premio — 4 Peças

Brancas — "Liege" — 6 Peças

Mate em 3 lances

PARTIDA N. 2

TORNEIO DE CARLSBAD

PREMIO DE BELLEZA

BRANCAS		PRETAS
ALEKHINE		Yates
P 4 D	1	C 3 B R
P 4 B D	2	P 3 C R
P 3 C R	3	B 2 C
B 2 C	4	O - O
C 3 B D	5	P 3 D
C 3 B R	6	C 3 B D
P 5 D	7	C 1 C
P 4 R	8	C D 2 D
O - O	9	P 4 T D
B 3 R	10	C 5 C
B 4 D	11	C R 4 R
C x C	12	C x C
P 5 B D	13	P x P
B x P	14	P 3 C D
B 4 D	15	B 3 T D
T 1 R	16	D 3 D
B 1 B	17	....

Inconsideradamente as brancas trocam o Bispo do "fianchetto", enfraquecendo o roque. Yates adquire vantagem rapidamente.

....	17	B x B
T x B	18	P 4 B D
B x C	19	....

Si 19—PxP e.p., DxB; 20—DxD, C6B ch. e ganham

....	19	D x B
D 3 C D	20	T D 1 C
D 5 C D	21	P 4 B R
T D 1 R	22	P 5 B R ! !
D 7 D	23	T D 1 D
P x P	24	D x P !

Preparando B4R

D 6 R ch.	25	R 1 T
P 3 B R	26	D 4 C R ch.
R 1 T	27	T 3 D
D 3 T R	28	B 4 R
T 2 R	29	T D 3 B R
C 1 D	30	T 5 B R
C 3 R	31	T 5 T R
D 6 R	32	D 4 T R
C 4 C R	33	....

Si 33—TR2BR, B6C; 34—T2C, DxPB etc. como foi jogado.

As negras têm agora um ganho forçado

....	33	T x C !
P x T	34	T x T ch.
R 2 C	35	D x P T ch.
R x T	36	D 8 T ch.
R 2 B	37	B 5 D ch.
R 3 C	38	D 8 C ch.
R 3 T	39	D 8 B ch.
T 2 C	40	D 8 T ch.
R 3 C	41	D 8 R ch.
R 3 T	42	P 4 C R !
T 2 B D	43	D 8 B ch.
R 2 T	44	D 8 C ch.
R 3 T	45	D 8 T ch.
R 3 C	46	D 8 D
T 3 B D	47	....

Si 47—T2CR, D8R ch. e ganham

....	47	D 8 C R ch.
R 3 T	48	D 8 B ch.
R 3 C	49	B 7 B ch.
R 3 B	50	B 8 C ch. d.
R 3 C	51	D 7 B ch.
R 3 T	52	D 7 T mate

—

ROUPA NA CORDA

Um dos nossos campeões, que parece tão calmo, no fundo é muito impressionavel. Imaginem que, em "match" recentemente disputado, emmagreceu 3 kilos em 15 dias ! Teria sido medo ?

—

No Torneio Inter-Clubs, houve um facto desagradavel, mas que, no momento teve a sua nota comica. Realizava-se o jogo entre 2 equipes na sala de certo Club, cujas janellas dão para a rua e por serem de pouca altura, em pouco estavam cheias de curiosos que assistiam interessados o desenrolar das partidas. Em dado momento, um dos jogadores commetteu uma "capivarada" formidavel e, não se contendo, lançou todas as peças ao chão. Um dos curiosos observou ao visinho:

— "Seu companheiro ! que jogo engraçado ! ! para mover uma peça levam uma hora, mas parece que ganha aquelle que joga tudo mais depressa no chão".

QUADRINHA POPULAR
(sem intenção)

Seu Mané José Pimenta
Cabello e bigode pinta
Já passou pelos sessenta...
Quer dizer que só tem trinta.

—

Certo enxadrista passando pelo Cemiterio de S. João Baptista, ao ler a inscripção "Revertere ad locum tuum", observou para o seu companheiro que lhe perguntou o significado.

— "Ora que vesteira ! Só no Vrazile é que se be disto ! Votarem o nome em francez quando em portuguez é muito mais vonito — Cemiterio de S. João Vaptista".

COISAS QUE INCOMMODAM

A usura do Presidente ("Não temos dinheiro... O Club assim vae a garra...")

O "Nem ouse" do Cauby (Traducção — ("Recolha-se á sua insignificancia...")

A "peruação" do Dr. Barbosa ("Nesta posição ganha-se assim"... e toma conta da partida)

O convencimento do Walter ("Qual ! Alekhine pra mim é sopa...")

Os decretos do Dr. Mendes ("Isto ganha rapidamente"... — mas ás vezes perde ainda mais rapidamente...)

As senhoras do Silley ("Precisamos no Club de uma sala para tomar chá com as senhoras...")

A calma do Dr. Lahmeyer ("Póde chover canivete de ponta para baixo!")

Os berros do Lacerda ("Nossa Virgem do Céo ! ! !")
A "ingenuidade" do Gastão ("Proponho empate..." — e levou mate 3 lances depois...)
O eterno palito no canto da bocca do Alcindo (Que palito resistente ! !)
As vantagens do Miguel ("Este torneio é sopa... o 1º logar está garantido... nem é preciso jogar...")
A mania de ganhar torneios do Stuart ("Os concorrentes são muito fraquinhos para um jogador como eu... —gesto de commiseração—eu tiro o 1º logar, Fulano o 2º e Beltrano o 3º"... mas quasi sempre o tiro sae pela culatra)
Os apperitivos do Tasso (Entra em scena o "Dubonnet" e a turma fica na agua)
As conquistas do Burlamaqui (Depois do 5º whisky é amor Far-West... beijos a muque)
O bigodinho do Souza Coelho (Vassourinha Amorosa...)
A mania de "Juiz Mello Mattos" do Orestes ("Deixae vir a mim as creancinhas.")..'
O tratado completo de xadrez do seu Chico Vieira H. Rez (Si Capablanca o conhecesse, Alekhine não era campeão mundial...)
O Campeonato do Montenegro (Quem não tem cumpitencia não s'istabelece)
A "Modestia" (!!!) do Madeira.

DR. MANUEL TRATAKOUVES

As soluções e os commentarios pódem vir sob pseudonymo, para effeito de publicação, mas é necessario que o solucionista declare tambem o seu verdadeiro nome para que o Redactor da secção saiba com quem trata. Por solução certa creditarei 2 pontos, por "furo" 3 pontos e por solução errada debitarei 5 pontos. O prazo para entrega é o seguinte: Capital 7 e Estados 14 dias. Toda a correspondencia deverá ser dirigida para Carlos Reis, Redacção do "Para todos...", Rua do Ouvidor n. 164.

Lembrança da collação de grão dos bachareis de 1928

Veranistas do Rio, de São Paulo e Minas, em Caxambú. Photo A. João

Orchestra argentina "Andreoni" que está em São Paulo

Clinica Medica de "Para todos..."

A EMETINA, NO TRATAMENTO DAS DYSENTERIAS E ENTERO-COLITES

Os reiterados successos obtidos por **Mlle. Panayotatou** e pelo **Dr. Raili**, no Hospital Grego, de Alexandria, com o emprego da emetina no tratamento das dysenterias e das entero-colites, fizeram notar que o elemento destinado a conseguir a victoria não era a dosagem do referido medicamento e sim a optima qualidade do producto.

Nas dysenterias de origem amebiana tem a emetina o seu emprego especifico; entretanto, para evitar confusões prejudiciaes, é preciso distinguir os doentes portadores de dysenterias "agudas" e que, sem demora, recorrem aos seus medicos, agindo precavidamente, de innumeros outros doentes que, por mera negligencia, falta de recursos, applicação defeituosa ou insufficiencia do tratamento, etc., patenteiam dysenterias levadas ao "estado chronico".

Aos doentes que apresentam dysenterias "agudas" e que, pela primeira vez, reclamam o tratamento, prescrever-se-á, segundo a gravidade do caso, 0,65 a 0,085 de emetina. Quasi sempre, inilludivelmente accentuam-se as melhoras, logo após á primeira injecção, circumstancia que, aos doentes menos esclarecidos, leva a supposição de uma cura definitiva. Todavia, assim não póde acontecer. E é necessario actuar com um pouco de persistencia, praticando uma serie de 6, 7 ou 8 injecções, dosadas a 0,065 de emetina.

Evidenciadas as melhoras, com o desapparecimento do tenesmo e com a ausencia de sangue e de mucosidades, nos dejectos, é bastante injectar, de dois em dois dias, e durante uma semana, a dóse de 0,04 de emetina. Os doentes em "estado chronico", porém, reclamam, por longo tempo, quantidades de emetina um pouco mais elevadas, todas as vezes que o medico verefique o reapparecimento das perturbações intestinaes.

Entre as creanças, emprega-se a dosagem proporcional á idade não convindo absolutamente recorrer aos excessos, qualquer que seja a gravidade da situação.

Não resta a menor duvida de que a emetina exerce uma acção preventiva, sobre uma terrivel complicação da dysenteria, — a hepatite suppurada. Ella detem a evolução do abcesso na phase congestiva, isto é, quando ainda não ha suppuração.

Segundo affirma o **Dr. Petridis**, antes de estar em voga o tratamento pela emetina, eram, no Hospital Grego, de Alexandria, operados annualmente 30 a 40 abcessos hepaticos; adoptada a pratica das injecções de emetina, a cifra annual das referidas operações baixou a 5, a 3 e algumas vezes a zero!

Na opinião de alguns attentos investigadores, muitas entero-colites que apparecem acompanhadas de symptomas appendiculares, são originadas por amebias e larvada, tendo provavelmente localisação no "caecum". Cheios de convicção, elles chegam a sustentar que os demais parasitas do tubo intestinal desempenham papel secundario e que é imprescindivel a pesquiza da ameba, para orientação do methodo therapeutico.

Os enfermos de hematuria causada pela ambiase, mesmo tendo phenomenos de nephrite intersticial, logram, com o emetina, completo restabelecimento. Além de sua especificidade sobre a ameba, a emetina actúa como poderoso hemostatico, — razão pela qual é proposto o seu emprego, para combater a bilharzios e as hematurias calculosas.

A emetina produz os mais beneficos resultados no tratamento das congestões hepaticas e das ictericias, principalmente da chamada ictericia catarrhal. Nas congestões hepaticas de origem palustre, os enfermos submettidos á acção da emetina patenteiam bem depressa o terreno da sensibilidade morbida do figado e animadoras modificações em seu estado geral. E, entre os paludosos atacados de dysenteria, o emprego simultaneo da emetina e da quinina, misturadas na mesma seringa injectadora, consegue supprimir as perturbações dysentericas e levar de roldão o impaludismo subjugado.

CONSULTORIO

YARA (Jaguarão) — Regularise a funcção, usando, pela manhã e á noite, dois comprimidos ovaricos. Se occorrer outra crise identica á descripta em sua carta, use: paveron 15 centigrammas, acido phosphorico official 2 grammas, extracto molle de berberis 5 grammas, alcool a 40 gráos 10 grammas, glycerina 10 grammas, xarope de canella 150 grammas — tres a quatro colheres (das de café), por dia. Para dissipar os effeitos da crise, póde usar, como reconstituinte, "Cyto - Manganol Corbière — tres injecções intra-musculares por semana.

V. I. N. (Recife) — Use: tintura de meimendro 2 grammas, benzoato de sodio 3 grammas, extracto fluido de buchu 10 grammas, extracto fluido de salsaparrilha 20 grammas, hydrolato de alface 10 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 150 grammas — duas colheres (das de sopa) por dia. No momento de se recolher ao leito, use uma colher (das de chá) de "Sacerol", num pouco dagua assucarada.

L. U. Z. (S. João Marcos) — Use: tintura de eucalypto 2 grammas, tintura de drosera 3 grammas, tintura de grindelia robusta 3 grammas, benzoato de ammonio 4 grammas, xarope de Roux 30 grammas, julepo gommoso feito num infuso de capillaria 220 grammas — um pequeno calice de 4 em 4 horas. Use tambem "Pastiserol Bailly" — dez a quinze pastilhas por dia.

A. L. V. E. S. (Rio) — Depois do pequeno almoço, tome 2 confeitos de "Ibogaine Nyrdahl". Depois do almoço e do jantar, use arrhenal 60 centigrammas, gottas amargas de Beaumé 1 gramma, extracto fluido de yumbehoa 3 grammas, glycero-phosphatado de calcio 15 grammas, extracto de kola 15 grammas, elixir de Garus 30 grammas, vinho de quina 600 grammas — um pequeno calice.

BEBE' (São Paulo)—Basta usar: tintura de lobelia inflata 1 gramma, hydrolato de louro cereja 5 grammas, hydrolato de flores de laranjeira 10 grammas, xarope de Desessartz 60 grammas, xarope de tolú 60 grammas — tres colheres (das de sobremesa) por dia.

O. S. T. (Paracamby) — E' necessario procurar um especialista para exame directo da vista e prescripção dos vidros que lhe convêm.

DR. DURVAL DE BRITO.

CORAÇÃO DESVAIRADO

Coração, não corras tanto...
Anda mais devagar e repara,
que eu sou o teu melhor amigo
e onde tu fores eu irei comtigo...
Repara, que o nosso caminho ainda é tão longo
e eu já estou tão cansado...
Por isso, meu amigo, repara,
repara que eu tambem já fui forte
e que nunca liguei a vida
nem temi a morte !
Mas hoje... Mas hoje tudo mudou...
Pois emquanto tu corres como um desvairado,
eu passo a passo comtigo vou...
Mas te peço coração, não corras tanto !
Anda mais devagar !
Escuta :
Toma cuidado, muito cuidado
para que eu, no meio do caminho
por tua causa não tombe !

L. ROMANOWSKI

Sr. Raymond Le Talludec, jornalista, nosso collaborador.

O ATTRACTIVO DOS CABELLOS ABUNDANTES

A belleza do cabello contribue poderosamente para o magnetismo pessoal das senhoras como dos homens. Tanto as actrizes como as senhoras da sociedade elegante estão sempre em busca de qualquer producto inoffensivo que augmente a natural formosura de sua cabelleira. O remedio novissimo é usar stallax puro como shampoo por causa do brilhantismo, da suavidade e da ondulação que elle produz no pello. Como o stallax não foi usado nunca, até agora, para este effeito, só o recebem os droguistas em pacotes com sello original, contendo cada um quantidade sufficiente para vinte e cinco a trinta lavagens de cabeça. Uma colherinha das de café cheia dos perfumosos grãos de stallax dissolvido numa chicara dagua quente, é mais que bastante para cada shampoo. Benefica e estimula grandemente o cabello, além do effeito embellezador que nelle produz.

Olinda e José, filhos do casal José Carvalho.

Apparecerá em Abril
CIRCO
de Alvaro Moreyra

Enlace matrimonial da senhorita Mariinha Maciel com o Sr. Affonso Ferreira de Carvalho, realizado em Ribeirão Preto, no dia 6 de Fevereiro. Serviu de Daminha de Honra a menina Nininha, filhinha do Sr. José Grota.

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje.

Celso Antonio de Souza e Silva, José Roberto e Luiz Fernando Vieira de Castro, no Carnaval de Therezopolis.

No Tennis Club de Petropolis.

Senhoritas Cleonice e Christalla Tavares com os seus lindos trajes do Carnaval, em São Luiz do Maranhão.

Do Carnaval que passou

Senhorita Emilia dos Santos

João Affonso filho do poeta Henrique de Rezende e de dona Judith de Saldanha da Gama Couto de Rezende, no Carnaval de Cataguazes.

A alegria dos pequenos

Augusta, filha do Sr. Alfredo Rebello Nunes

Officinas Graphicas d' "O MALHO"